

quando representar a Hilda de Solness. Os dois papéis, a meu ver, podem perfeitamente fundir-se num. E insisto na minha idéia de um espetáculo combinado, que não me parece irrealizável.

M. Prozor.

A DAMA DO MAR

DRAMA
EM 5 ATOS

A DAMA DO MAR

PERSONAGENS:

O DR. WANGEL, médico do distrito.
ELIDA WANGEL, sua segunda mulher.
BOLETTE { filhas de um primeiro casamento.
HILDA, adolescente }
ARNHOLM, professor de colégio.
LYNGSTRAND
BALTESTED
UM ESTRANGEIRO

Rapazes e raparigas da localidade.
Turistas.
Estrangeiros em vilégiatura.

A ação passa-se no verão, numa pequena estação balneária, à margem de um fiord, na costa setentrional da Noruega.

PRIMEIRO ATO

[(À esquerda a casa do DR. WANGEL, com uma varanda coberta. Está situada num jardim. Em baixo da varanda, um grande mastro de bandeira. À direita, no jardim, um caramanchão, mobilado com uma mesa e algumas cadeiras. No fundo, uma sebe viva, com uma pequena porta de entrada. Por trás da sebe uma avenida beirando a costa. Por entre as árvores, avista-se o fiord, e, para além, ao longe, uma cadeia de altas montanhas com alguns picos. Manhã de verão quente e luminosa).]
BALTESTED, de meia idade, de jaqueta e chapéu de artista, de

longas abas, está ao pé do mastro e arruma o cordame. A bandeira está ao lado dele no chão. Um pouco mais longe, um cavalete, com uma tela. Ao lado, numa banqueta, pincéis, uma caixa de tintas e uma paleta.

BOLETTE WANGEL, saindo de casa, aparece na varanda. *Traz um grande vaso de flores e coloca-o em cima da mesa.*

BOLETTE — Então, Ballested? Não consegue içá-lo?

BALLESTED — Como não, senhorita? Consigo... e sem dificuldade. Será indiscrição perguntar-lhe se esperam visitas?

BOLETTE — Esperamos o professor Arnholm. Chegou esta noite e virá ver-nos daqui a pouco.

BALLESTED — Arnholm? Espere um pouco. Não é o nome do seu antigo preceptor?

BOLETTE — Justamente!

BALLESTED — Ora, ora! Então ele voltou a estas paragens?

BOLETTE — E é em homenagem a ele que embandeiramos. BALLESTED — Naturalmente.

(BOLETTE entra no salão. Um momento depois LYNSTRAND chega da direita, pela avenida que beira a costa. Ao avistar o cavalete e a caixa de pintura detém-se, interessado. É um rapaz moço franzino, pobre, mas convenientemente trajado. Aspecto fraco e doentio).

LYNSTRAND (por trás da sebe) — Bom dia.

BALLESTED (voltando-se) — Oh!... Bom dia (*lê a bandeira.*) Pronto, está feito. (*Amarra a corda e aproxima-se do cavalete.*) Bom dia. Tenho a honra... Não creio ter o prazer...

LYNSTRAND — O senhor é pintor?

BALLESTED — Naturalmente. E outras cousas também. LYNSTRAND — Estou vendo. Posso entrar um momento?

BALLESTED — Para ver de perto?

LYNSTRAND — Com sua licença.

BALLESTED — Por enquanto não há grande cousa a ver. Mas queira aproximar-se. Entre, faça o favor.

LYNSTRAND — Obrigado. (*Entra.*)

BALLESTED (*pintando*) — Vê? É o fiord que se avista por entre as ilhas.

LYNSTRAND — Sim, estou vendo.

BALLESTED — Falta-me, porém, uma personagem no quadro. Não há meio de descobrir um modelo aqui por este recanto.

LYNSTRAND — Quer então pôr alguém na paisagem?

BALLESTED — Sim, no primeiro plano, sobre a penedia, haverá uma sereia meio morta.

LYNSTRAND — Por que meio morta?

BALLESTED — Porque se perdeu e não pode mais achar o caminho para o mar. Desmata, então, e agoniza na laguna. Compreende?

LYNSTRAND — Perfeitamente...

BALLESTED — Foi a dona da casa, aqui, que me deu a idéia.

LYNSTRAND — E que nome vai dar ao quadro?

BALLESTED — Pretendo chamá-lo: "A morte da sereia".

LYNSTRAND — Bem achado o nome. E o assunto se presta para um bom desenvolvimento.

BALLESTED (*olhando-o*) — É da profissão?

LYNSTRAND — Quer dizer pintor?

BALLESTED — Sim.

LYNSTRAND — Não, mas desejo fazer escultura. Chamo-me Hans Lynstrand.

BALLESTED — Ah! Quer ser escultor! Faz bem, a escultura é também uma bela arte. Parece-me tê-lo visto na rua, uma ou duas vezes... Faz muito que está por aqui?

LYNSTRAND — Uns quinze dias. Mas quero ver se passo o verão aqui.

BALLESTED — Para os banhos?

LYNSTRAND — Sim, para adquirir um pouco as forças.

BALLESTED — Tem pouca saúde?

LYNSTRAND — Tenho. Mas não é cousa perigosa. Sinto por vezes dificuldade em respirar. É só isso.

BALLESTED — É pouca cousa realmente. Mesmo assim, porém, deveria procurar um bom médico.

LYNSTRAND — Justamente eu tinha a intenção de consultar o doutor Wangel... um destes dias.

BALLESTED — Faz bem... (*Olhando para a esquerda.*)

Aquí temos mais um outro navio cheio de passageiros. É admirável a quantidade de turistas que vêm aqui de alguns anos para cá.

LYNSTRAND — Isto aqui parece bastante animado.

BALLESTED — E quantos banhistas! Está cheio. Eu às vezes tenho receio de que esta afluência de forasteiros modifique o cunho da nossa boa velha cidade.

LYNSTRAND — O senhor é daqui?

BALLESTED — Não, mas já estou acimatado aqui. Sinto-me preso a esta terra pelos laços do tempo e do hábito.

LYNSTRAND — Faz então muito tempo que mora aqui?

BALLESTED — Mais ou menos uns dezesseis ou dezessete anos. Vim com a companhia Skjêve, para representações tea-

trais. Mas não fomos bem sucedidos. A empresa falu, a companhia dispersou-se...

LYNGSTRAND — E o senhor ficou aqui?

BALLESTED — Sim. E tive sorte. Para falar a verdade. eu trabalhava sobretudo nos cenários.

(BOLETTE volta com uma cadeira de balanço, que coloca na varanda).

BOLETTE (*virada para a porta do salão*) — Escuta, Hilda, não achaste a banqueta que nós bordamos para o pai?

LYNGSTRAND (*aproximando-se da varanda e cumprimentando*) — Bom dia, senhorita Wangel.

BOLETTE (*na balaustrada*) — Como! É o senhor, Lyngstrand? Bom dia. Desculpe-me por um momento... É preciso que eu...

BALLESTED — Conhece a família Wangel?

LYNGSTRAND — Muito pouco. De quando em quando encontro essas moças. E já tive ocasião de trocar algumas palavras com a senhora, no último concerto realizado no Belvédere. Ela me convidou para que viesse vê-los.

BALLESTED — Pois se quiser ouvir-me, deve cultivar essas relações.

LYNGSTRAND — De fato, pensei em fazer-lhes uma visita — uma visita oficial — se achasse um pretêsto razoável.

BALLESTED — Ora, pistolas! Um pretêsto... (*Olhando para a esquerda.*) Diabo! (*Junta tudo, a caixa de pintura e o mais.*) O navio já atracou. Tenho de correr para o hotel. Podem precisar de mim. Devo dizer-lhe que também corto o cabelo e faço a barba.

LYNGSTRAND — O senhor parece que toca vários instrumentos...

BALLESTED — Numa cidadezinha como esta, a gente tem de exercer todas as profissões. Se alguma vez o senhor precisar de cosméticos ou qualquer outro objeto de toilette, peça o endereço do Sr. Ballested, professor de dança.

LYNGSTRAND — Professor de dança?

BALLESTED — Presidente da Fanfarrá, se prefere. Hoje à noite, concerto no Belvédere. Adeus, adeus!

(*Sai pela porta do jardim, levando a caixa de pintura e o resto. Desaparece pela esquerda. Entra HILDA, trazendo a banqueta.* BOLETTE traz novas flores. LYNGSTRAND, do jardim, cumprimenta HILDA).

HILDA (*na balaustrada, sem responder ao cumprimento*)

— Bolette me disse que o senhor se aventurou a vir aqui.

LYNGSTRAND — É verdade, tomei a liberdade de entrar.

HILDA — Deu o seu passeio matinal?

LYNGSTRAND — Hoje não foi muito demorado.

HILDA — Tomou, pelo menos, o seu banho de mar?

LYNGSTRAND — Sim, entrei na água um instante. Na volta encontrei sua mãe. Ela se dirigia para a cabina de banho.

HILDA — Quem encontrou?

LYNGSTRAND — Sua mãe.

HILDA — Ah! Sim... o senhor sabe... (*Coloca a banqueta em frente à cadeira de balanço*).

BOLETTE (*interrompendo-a*) — Viu o barco de papai?

LYNGSTRAND — Sim, parece-me ter visto um barco à vela, que se dirigia para o pôrto.

BOLETTE — Deve ser êle. Foi às ilhas, visitar um doente. (*Arruma vários objetos em cima da mesa*).

LYNGSTRAND (*com um pé no primeiro degrau da escada da varanda*) — Como fica lindo, com tôdas essas flores!

BOLETTE — Não é?

LYNGSTRAND — Delicioso. Estão de festa, hoje, em sua casa?

HILDA — Sim. Temos uma festa.

LYNGSTRAND — Desconfiei disso. Com certeza aniversário de seu pai?

BOLETTE (*a HILDA, como para detê-la*) — Hem, hem!

HILDA (*sem se preocupar com o pigarro*) — Não, o de nossa mãe.

LYNGSTRAND — Ah! o da senhora sua mãe?

BOLETTE (*em voz baixa, irritada*) — Que é isso, Hilda!

HILDA (*no mesmo tom*) — Deixa-me em paz! (*A LYNGSTRAND.*) O senhor vai almoçar, não?

LYNGSTRAND (*desce a escada*) — Sim, eu devia ir tomar qualquer cousa.

HILDA — Parece que está bem no seu hotel?

LYNGSTRAND — Não estou mais no hotel. Era muito caro.

HILDA — Onde está, então, agora?

LYNGSTRAND — Agora estou lá em cima, em casa da Sra. Jensen.

HILDA — Que senhora Jensen?

LYNGSTRAND — A parreira.

HILDA — Desculpe-me, Sr. Lyngstrand, mas eu tenho mais que fazer do que...

LYNGSTRAND — Oh! Eu não deveria ter dito aquilo.

HILDA — Que?

LYNGSTRAND — O que acabo de dizer.

HILDA (*encarando-o, agastada*) — Não o compreendo.

LYNGSTRAND — Não, não, está bem. Até à vista, senhoritas, é tempo de ir-me.

BOLETTE (*aproximando-se da escada*) — Até a vista, Sr. Lyngstrand. Queira desculpar-nos por hoje. Mas outro dia, se tiver tempo e se lhe der vontade, venha ver o papai... venha nos ver.

LYNGSTRAND — Obrigado, senhorita. Com muito prazer. (*Sai da sala pela porta do jardim. Ao chegar à avenida, volta-se e faz uma saudação para a varanda*).

HILDA (*a meia-voz*) — Adeus, senhor. Recomendações à senhora Jensen.

BOLETTE (*vaio, sacudindo-lhe o braço*) — Hilda! Endiabrada garôta! Estás doida? Ele pode ouvir-te.

HILDA — E que é que tem isso?

BOLETTE (*olhando para a direita*) — Papai está chegando. (*O DR. WANGEL, em traje de viagem, com uma mala na mão, entra pela direita*).

WANGEL — Bom dia, filhinhas. Aqui estou eu de volta. (*Entra pela porta da grade*).

BOLETTE (*desce ao jardim e vai ao seu encontro*) — Que bom já estares de volta.

HILDA (*também indo ao seu encontro*) — Tens todo o dia livre hoje papai?

WANGEL — Oh! não! Preciso ir ao escritório um momento, daqui a pouco. Digam-me: sabem vocês se Arnholm já chegou?

BOLETTE — Sim, êle chegou esta noite. Vieram prevenir-nos do hotel.

WANGEL — Então, vocês não o viram ainda?

BOLETTE — Não. Mas êle deve chegar de um momento para outro.

WANGEL — Está claro que deve chegar.

HILDA (*putando-o pela manga*) — Olha um pouco, papai.

WANGEL — Estou vendo, minhas filhas. Isto está com ar de festa.

BOLETTE — Não é? Não achas que fizemos bem as cousas?

WANGEL — Certamente... E... estamos sós?...

HILDA — Sim, ela está no...

BOLETTE (*interrompendo-a com vivacidade*) — Mamãe está no banho.

WANGEL (*olha para BOLETTE afetuosamente e acaricia-lhe os cabelos. Com alguma hesitação*) — Ouçam, filhinhas, vocês pretendem ter isso embandeirado o dia todo?

HILDA — Ainda duvidas?

BOLETTE (*pisca-lhe os olhos e faz-lhe um sinal com a cabeça*) — Compreendes que tudo isto é em homenagem ao pro-

fessor Arnholm. Quando um amigo como êle vem te ver depois de uma longa ausência...

HILDA (*sorrindo e sacudindo-o pela manga*) — Lembre-se de que é o preceptor de Bolette, pai...

WANGEL (*esboçando um sorriso*) — Ah! vocês duas são uns diabretes... Afinal, meu Deus, que pode haver de mais natural, do que esta atenção tributada àquela que não existe mais. Entretanto... Toma, Hilda (*dá-lhe o saco de viagem*), leva isso para o Consultório... Não, minhas filhas... Não gosto disso... Esse modo de proceder, compreendem... Esta repetição anual... Enfim... Parece que é inevitável.

HILDA (*atravessando o jardim para ir depor o saco de viagem, volta-se e faz um gesto apontando para a avenida*) — Olhem aquele senhor que vem por ali. Com toda a certeza é o professor.

BOLETTE (*olha*) — Que esperança! (*Rindo*). Aquele homem, o professor Arnholm?

WANGEL — Esperem um pouco, crianças. Não, não estou enganado. É êle mesmo.

BOLETTE (*olhando, com espanto reprimido*) — Meu Deus, é verdade! Agora eu o reconheço.

(*O professor ARNHOLM, em traje matinal, elegante, cumprimen-ta afetuosamente e entra pela porta da sebe, vindo da esquerda. Olhos de ouro. Bengala grossa. Fisionomia um pouco fatigada*).

WANGEL — Seja bem vindo, meu caro professor! Bem vindo nesta velha casa que o senhor tão bem conhece...

ARNHOLM — Obrigado, doutor Wangel, obrigado. Agradeço-lhe de todo coração. (*Apertam-se as mãos e atravessam o jardim*.) E aqui estão as crianças! (*Estende-lhes as mãos e olha-as*.) Difícilmente eu as reconheceria, quer uma, quer outra.

WANGEL — Eu creio.

ARNHOLM — Sim, talvez Bolette... Creio que reconheceria Bolette.

WANGEL — Difícilmente. Há oito ou nove anos o senhor não a vê. Desde então, houve muita mudança por aqui.

ARNHOLM (*passando o olhar em torno*) — Parece-me que não, salvo as árvores que cresceram um pouco, e também êsse pavilhão que o senhor construiu.

WANGEL — Não me refiro ao aspecto das cousas.

ARNHOLM (*sorrindo*) — É verdade: ei-lo hoje pai de duas moçetonas, duas senhoritas para casar.

WANGEL — Não. Apenas uma es'í, de fato, em condições de casar.

HILDA (*a meia-voz*) — Ora, papai...

WANGEL — E agora vamos para a varanda. Está mais fresco do que aqui. Passe adiante, faça o favor.

ARNHOLM — Obrigado, caro doutor.

(*Sobe.* WANGEL oferece a ARNHOLM a cadeira de balanço).

WANGEL — Fique à vontade. Descanse. Parece-me um pouco fatigado.

ARNHOLM — Não é nada. Basta-me-á estar aqui com vocês para...

BOLETTE (*a* WANGEL) — Não é melhor levar a soda e o refresco ao salão? Daqui a pouco isto aqui vai ficar muito quente.

WANGEL — Sim, meninas. Vão tratar disso. Tragamos soda e refresco. E também não será demais um pouco de conhaque.

BOLETTE — Conhaque?

WANGEL — Só um pouquinho, para o caso de que alguém queira.

BOLETTE — Está bem. Hilda, leva o saco para o Consultório.

(BOLETTE entra no salão e fecha a porta atrás de si HILDA pega no saco de viagem e desce ao jardim para dar volta à casa).

ARNHOLM (*que acompanhou BOLETTE com os olhos*) — Esplêndida, realmente... Sim, é uma rapariga esplêndida... O senhor tem em casa duas moças lindas.

WANGEL (*sentando-se*) — Não é mesmo?

ARNHOLM — Sim, esta Bolette é admirável. Hilda também... Mas, falemos do senhor, caro doutor... Instalou-se então aqui para o resto dos seus dias?

WANGEL — Provavelmente. Este é o berço da minha infância... Aqui vivi feliz com aquela que tão cedo nos deixou... A que o senhor conheceu, Arnholm...

ARNHOLM — Sim, sim.

WANGEL — E agora vivo feliz com a que lhe sucedeu. Ah! pesando bem as cousas, não me posso queixar da sorte.

ARNHOLM — Não tem filhos do segundo matrimônio?

WANGEL — Tivemos um menino, faz mais ou menos dois anos e meio. Mas o perdemos logo. Viver somente quatro ou cinco meses.

ARNHOLM — Sua senhora saiu?

WANGEL — Não deve demorar. Está tomando o seu banho de mar. Nesta época, toma-o diariamente, faça o tempo que fizer.

ARNHOLM — É doente?

WANGEL — Doente mesmo, não. Entretanto, faz dois anos que está muito nervosa. Não sei ao certo o que lhe acontece. Mas dir-se-ia que não há para ela outra alegria, outra felicidade, senão mergulhar no mar.

ARNHOLM — É, realmente, a impressão que sempre tive.

WANGEL (*com um sorriso apenas perceptível*) — É verdade: o senhor conheceu Ellida, no tempo em que era preceptor em Skjoldviken...

ARNHOLM — Sim, ela ia com frequência ao presbitério, mas era principalmente em casa do pai, que eu a via, quando eu ia ao farol.

WANGEL — Sabe o senhor que esse período de sua vida deixou-lhe marcas profundas? Aqui não a compreendem. Chamam-na "A Dama do Mar".

ARNHOLM — Realmente?

WANGEL — Sim. Por isso tive a ideia... Se lhe falasse do passado, Arnholm?... Isso lhe faria bem... a ela.

ARNHOLM (*com olhar de dúvida*) — Acredita?

WANGEL — Tenho razões para isso.

Voz de ELLIDA (*no jardim, à direita*) — És tu, Wangel?

WANGEL (*erguendo-se*) — Sou, querida.

(ELLIDA WANGEL, envolta num grande roupão, os cabelos soltos, pelos ombros, surge por entre as árvores junto ao pavilhão. ARNHOLM ergue-se).

WANGEL (*sorrí e estende as mãos para ELLIDA*) — Aqui está a Dama do Mar!

ELLIDA (*sobe com vivacidade os degraus da escada e pega-lhe as mãos*) — Graças a Deus, estás de volta! Quando chegaste?

WANGEL — Agora mesmo. (*Mostrando ARNHOLM.*) Não cumprimentas o teu velho amigo?

ELLIDA (*estendendo a mão para ARNHOLM*) — O senhor por aqui! Seja bemvindo! Perdoe-me por não ter estado aqui para recebê-lo.

ARNHOLM — Ora essa! Por favor, nada de cerimônias comigo.

WANGEL — A água estava muito fria esta manhã?

ELLIDA — Fria? Nem um pouco! Ela nunca é fria aqui. É sempre morna, quieta, desenhada... Dá náuseas! A água dos fiords é uma água doente.

ARNHOLM — Doente?

ELLIDA — Sim, doente. E até parece que deixa a gente doente.

WANGEL (*sorrindo*) — Aí está uma bela propaganda para o estabelecimento.

ARNHOLM — Acredito existir uma certa afinidade entre a senhora, o mar e tudo que diz respeito a elle.

ELIDA — É possível. É um pouco o que sinto... Mas não reparou no que as meninas prepararam para o senhor?

WANGEL (*embarracado*) — Hem... (*Consulta o relógio.*) É tempo de ir-me...

ARNHOLM — Tudo em minha honra?

ELIDA — Naturalmente. Não costumamos embaldeirar assim todos os dias. — Uff! — como está abafado dentro de casa! (*Desce ao jardim.*) Venha cá. Aqui, pelo menos, se tem um pouco de ar. (*Senta-se no pavião.*)

ARNHOLM (*alcança-a*) — E é também bastante fresco.

ELIDA — Sim, para o senhor que está habituado ao ar depressivo da capital. Dizem que no verão é irrespirável...

WANGEL (*que também desceu ao jardim*) — Elida, minha querida, tenho de deixar-te um momento com o nosso amigo.

ELIDA — Tens alguma cousa a fazer?

WANGEL — Vou passar pelo consultório. E além disso é preciso que me arrume um pouco. Mas não tardarei em voltar.

ARNHOLM (*sentando-se no pavião*) — Não se apresse, meu caro doutor. Sua mulher e eu sabemos matar o tempo.

WANGEL (*menecendo a cabeça*) — Assim o espero... Então até já. (*Atravessa o jardim e desaparece à esquerda.*)

ELIDA (*após um silêncio*) — Aqui se está bem, não lhe parece?

ARNHOLM — Eu estou bem.

ELIDA — Este pavião é o meu pavião: fui eu que o mandei construir. Ou antes, foi Wangel que o mandou construir para mim.

ARNHOLM — E é aqui que costuma estar?

ELIDA — Sim, é aqui que eu vivo.

ARNHOLM — Com as meninas?

ELIDA — Não, elas preferem a varanda.

ARNHOLM — E Wangel?

ELIDA — Oh! Wangel vai e vem. Ora está comigo, ora com as meninas.

ARNHOLM — Esse programa de existência, de vida em comum, é seu?

ELIDA — Parece-me que todos se acham bem dessa forma. Podemos sempre nos falar de longe, quando temos alguma coisa a nos dizer.

ARNHOLM (*depois de um silêncio*) — A última vez que os

nosso caminhos se cruzaram... Falo de Skjolviiken.. Há tanto tempo...

ELIDA — Dez anos, nem mais nem menos.

ARNHOLM — Pouco mais ou menos. Ah! Quando penso nisso... Lá, no farol! Quando penso na *Peguen pagá*, como o velho pastor a chamava uma vez, a seu ver, fôra batizada com um nome de navio e não de cristã.

ELIDA — E então?

ARNHOLM — E então? Nunca me teria passado pela mente, nessa época, que tornaria a encontrá-la aqui, casada com o doutor Wangel.

ELIDA — De certo: Wangel ainda não era... Porque a mãe das meninas, a verdadeira mãe, vivia ainda nesse tempo.

ARNHOLM — Sim, sim. Mas mesmo sem isso. Embora Wangel fôsse livre, nunca eu teria achado a cousa possível.

ELIDA — Nem eu... naquele tempo.

ARNHOLM — Wangel é a correção personificada, a própria honra... É tão essencialmente bom, tão bondoso para com todos...

ELIDA (*com fogo*) — Não é verdade?

ARNHOLM — Mas entre elle e a senhora há um abismo.

ELIDA — O senhor tem razão: um abismo.

ARNHOLM — Mas nesse caso como aconteceu isso? Como?

ELIDA — Não me faça perguntas a esse respeito, meu caro Arnholm. Não lhe saberia responder. E mesmo se eu lhe desse explicações, o senhor não as poderia entender.

ARNHOLM — E... (*Em voz baixa.*) Nunca confiou nada ao seu marido a respeito de... daquela pretensão... que eu tive um dia a loucura de formular?

ELIDA — Nem pense nisso! Ele nunca soube nada a esse respeito.

ARNHOLM — Tanto melhor. Estava meio constrangido em pensar que...

ELIDA — Pode ficar tranquilo. Eu só lhe disse, que lhe queria muito, o que não deixa de ser verdade... e que o senhor tinha sido lá o meu melhor amigo...

ARNHOLM — Obrigado. Mas diga-me: por que motivo nunca me escreveu, depois de minha partida?

ELIDA — Receava fazê-lo sofrer. Uma carta daquela de quem não soubera corresponder às suas aspirações não iria reabrir a ferida?

ARNHOLM — Sim... É possível... Talvez tivesse razão...

ELIDA — Mas... e o senhor? Por que nunca me escreveu?

ARNHOLM (*olha-a e sorri com um ar de censura*). — Eu? Dar o primeiro passo? Para que pensasse que eu o fazia com outras intenções... e depois de redondamente recusado, como fui?

ELLIDA — Compreendo-o. E, desde então? Nunca se interessou por mais ninguém?

ARNHOLM — Nunca. Permaneci fiel às minhas recordações.

ELLIDA (*meio em tom de gracejo*). — Ora! Deixe de lado as recordações tristes. E pense antes em se tornar um marido feliz.

ARNHOLM — Para seguir o seu conselho, eu precisaria apressar-me um pouco, madame Wangel. Não se esqueça de que breve terei trinta e sete anos...

ELLIDA — Realmente, é preciso apressar-se. (*Um curto silêncio. Depois, em voz grave e reprimida.*) E agora, meu caro Arnholm, ouça-me com atenção: vou confessar-lhe uma coisa que naquela época não lhe confessaria, embora minha vida dependesse disso.

ARNHOLM — Que quer dizer?

ELLIDA — Aquela sã pretensão de que falava há pouco... eu não a podia acolher de outra forma.

ARNHOLM — Eu sei. Nada mais tinha a oferecer-me além de sua amizade. Sei disso perfeitamente.

ELLIDA — Mas o que ignora, é que os meus pensamentos, e o meu coração não me pertenciam mais naquela época.

ARNHOLM — Naquela época!?

ELLIDA — Sim.

ARNHOLM — Mas isso é impossível. Está confundindo as datas. Você não podia ainda ter conhecido Wangel.

ELLIDA — Não se trata de Wangel.

ARNHOLM — Não se trata de Wangel? Vejamos... Naquele tempo não havia em Skjoldviken ninguém que... Não me recorde de nenhum homem digno de atrair-lhe a atenção.

ELLIDA — Não, não havia. Tudo aquilo foi uma loucura.

ARNHOLM — Por favor, explique-se!

ELLIDA — Não. Basta que saiba: naquela época eu não era livre.

ARNHOLM — E se tivesse sido livre?

ELLIDA — Que quer dizer?

ARNHOLM — Sua resposta teria sido outra?

ELLIDA — Como posso saber? O senhor viu como respondi a Wangel, quando ele se apresentou.

ARNHOLM — Então para que esta confidência?

ELLIDA (*erguendo-se com uma espécie de angústia*). — Preciso de alguém a quem confessar-me. Não, não, fique aqui.

ARNHOLM — Então seu marido de nada sabe?

ELLIDA — Desde o primeiro momento, confessei-lhe que um dia dispusera de meu coração. Ele não quis saber mais. E nunca tornamos a falar do assunto. E aliás seria loucura, asseguro-lhe. Foi uma sombra que me atravessou a vida e desapareceu... mais ou menos.

ARNHOLM (*erguendo-se*). — Mais ou menos? Não inteiramente?

ELLIDA — Meu caro Arnholm, não procure compreender. É uma coisa que escapa a qualquer raciocínio. Se eu lhe dissesse tudo, o senhor acreditaria apenas que eu estivesse louca, naquele momento.

ARNHOLM — Senhora Ellida, precisa contar-me tudo.

ELLIDA — Tentarei. Nunca pelo simples bom senso poderá compreender que... (*interrompe-se.*) Ah! Eis uma visita. Mais tarde concluirei.

(LYNGSTRAND chega pela avenida, vindo da esquerda, e entra no jardim. Traz uma flor na lapela e, na mão, um ramo envolto em papel e enfeitado com fitas de seda. Detém-se com alguma hesitação em frente à varanda).

ELLIDA (*caminhando para a porta do pátio*). — Está procurando as meninas, senhor Lyngstrand?

LYNGSTRAND (*voltando-se*). — Oh! A senhora está aqui. (*Sauda e aproxima-se.*) Não, não são as senhoritas que estou procurando, senhora Wangel. A senhora teve a bondade de autorizar-me a me apresentar em sua casa.

ELLIDA — Certamente. E será aqui sempre bemvindo.

LYNGSTRAND — Obrigado. E como hoje é dia de festa na família...

ELLIDA — Ah! o senhor sabia?

LYNGSTRAND — Sim. E por isso tomei a liberdade de trazer-lhe estas flores... (*Inclina-se e oferece-lhe o ramo.*)

ELLIDA — Mas, meu caro senhor Lyngstrand, é preferível oferecer essas lindas flores, ao professor Arnholm, porquanto a festa é em homenagem a ele.

LYNGSTRAND (*olhando-os, admirado*). — Perdão... mas não tenho a honra de conhecer o senhor... Eu queria... Trata-se do aniversário...

ELLIDA — Do aniversário? Está enganado, senhor Lyngstrand. Não estamos festejando nenhum aniversário, hoje.

LYNGSTRAND (*sorrindo suavemente*). — Desculpe-me, ignorava que fôsse um segredo...

ELLIDA — Como?

LYNGSTRAND — Sim, eu soube que hoje era o seu ... o dia de seu natalício.

ELLIDA — A minha data natalícia?

ARNHOLM (*olhando-a*) — Mas não é certo, não?

ELLIDA (*à LYNGSTRAND*) — De onde lhe veio essa idéia?

LYNGSTRAND — Foi a senhorita Hilda que a traiu. Estive aqui faz um momento. Ao ver essas flores e o pavilhão igrado perguntei às senhoritas e...

ELLIDA — E então?

LYNGSTRAND — E a senhorita Hilda respondeu-me, dizendo que hoje era o aniversário da mãe dela.

ELLIDA — Da mãe dela! Ah! muito bem.

ARNHOLM — Então é isso! (*ELLIDA e elle trocam um olhar de intelligência.*) Então, senhora Wangel, já que este moço conhece o segredo...

ELLIDA (*a LYNGSTRAND*) — Pois bem, já que conhece o segredo...

LYNGSTRAND (*oferecendo-lhe novamente o ramo*) — Permitte-me que lhe apresente meus votos de felicidade?

ELLIDA (*aceita as flores*) — Obrigada, senhor Lyngstrand. (*Os três sentam-se no pavilhão.*)

ELLIDA — Sim, senhor professor, era um segredo.

ARNHOLM — Um segredo para os profanos.

ELLIDA (*pondo o ramo em cima de um móvel*) — Isso mesmo, para os profanos.

LYNGSTRAND — Pode ficar descansada que não direi nada a ninguém.

ELLIDA — Oh! não era isso que eu queria dizer. — Mas falemos do senhor. Como vai? Parece ter melhorado.

LYNGSTRAND — Julgo que vou bem. E se no ano que vem puder ir ao Sul...

ELLIDA — As meninas disseram-me que era cousa resolvida.

LYNGSTRAND — Sim, tenho um protetor em Bergen, que me facilitará os meios. Pelo menos foi o que me prometeram...

ELLIDA — Como conseguiu essa proteção?

LYNGSTRAND — Por um acaso feliz. Quem me faz esse obséquio é um armador. E eu trabalhei a bordo de um dos seus navios...

ELLIDA — Gostava então da vida do mar?

LYNGSTRAND — Não. Mas depois da morte de minha mãe, meu pai não quis mais que eu ficasse em casa sem fazer nada. Fez-me então embarcar como marinheiro num navio. Ao regressar, o navio naufragou no canal Britânico. Para mim foi uma verdadeira sorte.

ARNHOLM — Como assim?

LYNGSTRAND — Porque daí veio a minha doença. Essa doença de peito, de que sofro. Fiquei muito tempo dentro da água gelada antes de me salvarem. Assim escapei do officio de marinheiro. E foi uma felicidade para mim.

ARNHOLM — Realmente?

LYNGSTRAND — Sim. A doença não é muito perigosa. E me permite realizar o meu maior desejo: dedicar-me à escultura. Imagine: modelar a argila delicada, acariciá-la, torná-la docil à minha vontade!...

ELLIDA — E que pretende modelar? Tritões? Sereias? Ou os vikings das velhas lendas?

LYNGSTRAND — Nada disso. Assim que me achar em condições de fazê-lo, vou tentar uma grande obra. Estou pensando num grupo.

ELLIDA — E que representará esse grupo?

LYNGSTRAND — Uma cousa vivida.

ARNHOLM — Ótimo. Não abandone a idéia.

ELLIDA — E como será esse grupo?

LYNGSTRAND — Vejo-o diante de mim: uma mulher moça, mulher de marinheiro... Dorme um sono agitado. Sonha... Espero conseguir fazer compreender que ela está sonhando.

ARNHOLM — Por enquanto, apenas uma figura...

LYNGSTRAND — Espere! Haverá outra. Uma espécie de aparição. O marido a quem ela enganou e que pereceu no mar.

ARNHOLM — Como?

ELLIDA — Afogou-se?

LYNGSTRAND — Sim, num naufrágio. À noite, porém, volta para perto dela. Ei-lo de pé em frente à cama. Olha-a. Sua roupa está encharcada como a de um homem que se tivesse tirado da água.

ELLIDA (*recostando-se na poltrona*) — É estranho. (*Fecha os olhos.*) Estou vendo tudo isso tão bem...

ARNHOLM — Mas o senhor falou numa cousa vivida...

LYNGSTRAND — De certo modo ela o foi.

ARNHOLM — Não é possível. Um morto que volta...

LYNGSTRAND — É claro que não quero dizer que na realidade vi tudo isso. No entanto...

ELLIDA (*muito interessada*) — Conte-me tudo o que sabe. Estou ouvindo.

ARNHOLM (*sorrindo*) — Evidentemente, é uma história para a senhora. Rescende a mar!

ELLIDA — Continue, senhor Lyngstrand.

LYNGSTRAND — Nosso barco ia deixar o porto de Halifax, quando o contra-mestre ficou doente. Tivemos de deixá-lo no

hospital e contratar outro, em seu lugar. Era um americano. Esse homem...

ELIDA — O americano?

LYNGSTRAND — Sim. Esse homem, um dia, tomou emprestado, do capitão um maço de jornais velhos, que se pôs a ler com assiduidade. Querida, disse ele, aprender o norueguês.

ELIDA — E depois?

LYNGSTRAND — Numa noite de tempestade, tôda a equipagem estava no tombadilho, exceto o contra-mestre e eu. Ele tinha luxado uma perna e eu estava doente e tinha de ficar deitado no beliche. Estávamos os dois no dormitório da equipagem, ele mergulhado na leitura...

ELIDA — Sim, sim...

LYNGSTRAND — Repentinamente, ougo-o soltar como que um rugido. Volto-me e vejo-o branco como um lençol. Depois começou a esmagar, a marrotar os jornais, a rasgá-los aos pedaços... Reduziu-os a pó. Tudo isso muito mansamente, mansamente...

ELIDA — Calado? Sem dizer uma palavra?

LYNGSTRAND — A princípio. Mas pouco depois murmurou, como se estivesse falando consigo mesmo: "Casada, com outro, na minha ausência".

ELIDA (*fechando os olhos, a meia voz*) — Disse isso?

LYNGSTRAND — Disse. E disse-o em bom norueguês. Era um homem que tinha facilidade para línguas...

ELIDA — E depois? Não disse mais nada?

LYNGSTRAND — Palavras estranhas que nunca mais esquecerei. Sempre no mesmo tom reprimido, disse: "Não importa. Ela me pertence, será minha. Seguir-me-á, vivo ou morto, nem que afogado, eu tenha de sair do mar para ir buscá-la e trazê-la".

ELIDA (*com mão trêmula serve-se de um copo de água*)

— Uff! — a gente hoje aqui fica sufocada.

LYNGSTRAND — Havia, no modo de ele dizer isso, uma tal força de vontade que eu não tive dúvidas, nesse momento, de que ele fôsse homem capaz de efetivar as suas ameaças.

ELIDA — Soube depois o que foi feito dele?

LYNGSTRAND — Estou certo de que ele não pertence mais a este mundo.

ELIDA (*com vivacidade*) — Que lhe faz crer isso?

LYNGSTRAND — Pouco depois naufragamos. Eu embarquei na baleeira grande do capitão, com cinco homens da equipagem. O imediato entrou na "yole" com o americano e um outro.

ELIDA — E não se ouviu falar mais deles?

LYNGSTRAND — Nunca mais. Ultimamente, meu protetor me escreveu a respeito. É isso justamente o que me dá tanta vontade de tirar desse episódio uma obra de arte. Vejo-a tão bem, a mulher infel!... E também o vingador, saído do mar para procurá-la... Vejo-os, nitidamente...

ELIDA — Eu também. (*Ergue-se.*) Vamos, entremos. Ou antes vamos encontrar-nos com Wangel. Aqui está muito abafado. (*Sai do pavilhão.*)

LYNGSTRAND (*que também se ergueu*) — Quanto a mim, vou despedir-me da senhora. Eu vim somente um instante para lhe trazer os meus votos de felicidade.

ELIDA — Já que nos quer deixar... (*Estende-lhe a mão.*) Até à vista, e obrigada pelas flores.

LYNGSTRAND (*cumprimenta, sai pela porta da grade e desaparece à esquerda*).

ARNHOLM — Querida senhora Wangel, vejo o quanto está perturbada.

ELIDA — Não o nego. No entanto...

ARNHOLM — Afinal, já podia esperar isso.

ELIDA (*olhando-o, admirada*) — Esperar isso?

ARNHOLM — Sim.

ELIDA — Esperar essa aparição!

ARNHOLM — Como! Ainda está pensando nessa história de fazer dormir, dessa espécie de maluco?

ELIDA — Meu caro Arnholm, ele talvez não seja tão maluco como o julga.

ARNHOLM — Então foram aquelas tolices que a emocionaram até este ponto? E eu que pensava...

ELIDA — Que pensava o senhor?

ARNHOLM — Pensava, muito naturalmente, que a senhora queria disfarçar e que a verdadeira causa de sua enoção estava nessas festas de família que celebram aqui em segredo... Seu marido com as filhas vivem uma existência de recordações da qual a excluem.

ELIDA — Quanto a isso deixo as cousas seguirem seu rumo natural. Não tenho nenhum direito de reclamar meu marido só para mim.

ARNHOLM — Pelo contrário! Parece-me que a senhora tem todos os direitos.

ELIDA — Não! Não os tenho... eu, que vivo uma vida da qual os demais são excluídos.

ARNHOLM — A senhora? (*Em voz mais baixa.*) Quer dizer que...

ELIDA — Amo-o, sim. Acabei por amá-lo de todo o co-

ração! E aí está o que não se pode imaginar... o que é incrível, terrível!

ARNHOLM — Senhora Wangel, precisa confiar-me suas preocupações! Quer?

ELLIDA — Eis uma cousa que me é impossível. Pelo me-nos agora. Mais tarde, talvez.

(BOLETTE aparece na varanda e desce ao jardim).

BOLETTE — Papai está aqui. Já terminou o trabalho. Quer que vamos todos sentar-nos no pavilhão?

ELLIDA — Sim, vamos.

(WANGEL, que mudou de roupa, sai de detrás da casa e aproxima-se, acompanhado de HILDA).

WANGEL — Acabei. Estou livre! Vão trazer-nos refrescos.

ELLIDA — Um momento. (Entra no pavilhão e vai buscar o ramo).

HILDA — Oh! que belas flores! Quem lhas deu?

ELLIDA — Recebi-as do Sr. Lyngstrand, minha querida Hilda.

HILDA (impressionada) — De Lyngstrand?

BOLETTE (inquieta) — Lyngstrand então voltou!

ELLIDA (esboçando um sorriso) — Sim. Trouxe estas flores. Por causa do aniversário. Compreendes?

BOLETTE (dando uma olhada a HILDA) — Oh!

HILDA (a meia voz) — Que animal!

WANGEL (pensosamente embaralhado, a ELLIDA) — Escuta... Vou explicar-te minha querida, minha boa Ellida...

ELLIDA (interrompendo-o) — Venham, filhinhos! Vamos pôr estas flores na água com as outras. (Sobe à varanda).

BOLETTE (a HILDA) — A verdade é que ela é boazinha...

HILDA (com raiva, com voz a custo reprimida) — Fingimentos! Tudo isso é para enfeitar papai.

WANGEL (na varanda, apertando a mão de ELLIDA) — Obrigado, Ellida, mil vezes obrigado!

ELLIDA (dispondo as flores) — De que? Não posso, eu também, contribuir para esta festa... a festa da mãe...

ARNHOLM (pigarreia) — Hem.

(Vai ter com WANGEL e ELLIDA. BOLETTE e HILDA ficam no jardim).

Pano

SEGUNDO ATO

(No "BELVÈDÈRE", por trás da cidade. Colina coberta de grama. Em torno à plataforma, e até o primeiro plano, estão dispostas grandes pedras para servirem de assento. Dominam-se, muito do alto, o fiord, que se estende no último plano, semeado de ilhotas e banhando um promontório em ponta. Não se vê o mar largo. Tarde de verão, semitransparente. Clarões vermelhos e ouro pelo ar, iluminando ao longe os picos. À direita, colinas de onde vem um canto a quatro vozes

RAPAZES e MOÇAS da cidade, aos pares, conversando, vêm da direita e desaparecem à esquerda. Ao lado de um momento, BALLESTED, carregado de chales e de sacos de viagem, conduz uma sociedade de turistas estrangeiros, com as suas senhoras).

BALLESTED (apontando com a bengala) — *Sehen sie, meine herren — shafien, — lá longe, liegt eine andere colina. Dass wollen wir besteigen, igualmente, und so herunter. (Continua em inglês, e conduz os turistas para a esquerda).*

(HILDA chega, com vivacidade, por uma volta do caminho à direita. Detém-se e vira a cabeça. Um momento depois, BOLETTE aparece, vindo do mesmo lado).

BOLETTE — Não me dirás, Hilda, por que motivo estamos fugindo assim do Lyngstrand?

HILDA — Detesto subir devagar. Olha lá. Até parece que êle rasteja.

BOLETTE — Sabes perfeitamente que êle é doente.

HILDA — Achas que é perigoso?

BOLETTE — Oh! sim.

HILDA — Esta tarde êle consultou o pai. Bem quisesa saber o que papai acha.

BOLETTE — Papai disse-me que êle tinha gânglios no pulmão. Parece que não lhe resta muito tempo de vida.

HILDA — Papai disse isso? Sabes? Foi sempre isso o que eu pensei.

BOLETTE — Pelo amor de Deus! Evita, ao menos, que ele perceba.

HILDA — Descansa! (*a meia voz.*) Repara: Hans assim mesmo chegou ao alto da rampa... Hans... Achas que êle tem cara de chamar-se Hans?

BOLETTE (*em voz baixa*) — Cuidado. Por favor, toma cuidado.

LYNGSTRAND (*chega da direita com uma sombrinha na mão*) — Desculpem-me, por não poder caminhar tão depressa como as senhoritas.

HILDA — Que é isto? Veio armado de sombrinha?

LYNGSTRAND — Não, é a sombrinha de sua mãe. Ela deu-ma para me servir de bengala.

BOLETTE — Papai e os outros ainda estão lá em baixo?

LYNGSTRAND — Ainda. Seu pai entrou um momento no café. Os outros se sentaram para ouvir a música. Sua mãe me disse que êles as alcançarão logo.

HILDA (*que durante todo o tempo esteve a olhá-lo*) — Está muito cansado?

LYNGSTRAND — Acho que sim. Um pouco... E com vontade de me sentar um momento. (*Senta-se numa pedra, no primeiro plano à direita.*)

HILDA (*de pé, diante dêle*) — Sabe que vão dansar logo mais, em frente ao pavilhão da música?

LYNGSTRAND — Sim, falavam nisso há pouco...

HILDA — Acha divertido dansar?

BOLETTE (*enquanto colhe florezinhas no campo*) — Vamos, Hilda, deixa o senhor Lyngstrand respirar um pouco.

LYNGSTRAND (*a Hilda*) — Sim, senhorita: eu gostaria bastante de dansar... se pudesse.

HILDA — Não tomou lições de dança?

LYNGSTRAND — Não, e há também... meus pulmões.

HILDA — Aquela doença de que o senhor falou?

LYNGSTRAND — Sim, a minha doença.

HILDA — Incomoda-o muito, a sua doença?

LYNGSTRAND — Não digo isso. (*Sorrido.*) É graças a ela, creio eu, que são todos tão gentis comigo.

HILDA — E, além disso, não é grave.

LYNGSTRAND — Não, não é nada grave. Foi o que seu pai me afirmou, não faz muito.

HILDA — E isso passará, assim que o senhor estiver no sul.

LYNGSTRAND — Sem dúvida, passará.

BOLETTE (*oferecendo-lhe flores*) — Tome, senhor Lyngstrand, para sua lapela.

LYNGSTRAND — Oh! senhorita, obrigado! É muito amável...

HILDA (*olhando para baixo*) — Ai vêm êles.

BOLETTE — Contanto que não errem o caminho. Pronto! Já erraram.

LYNGSTRAND (*erguendo-se*) — Vou correndo até aquela volta para indicar-lhes o caminho.

HILDA — Vai ter de gritar muito forte.

BOLETTE — Vai cansar-se outra vez.

LYNGSTRAND — Oh! a descida não é nada! (*Desaparece à direita.*)

HILDA — A descida, sim... (*Segue-o com os olhos.*) E vai, aos pulos!... Não se lembra de que vai ter de subir.

BOLETTE — Coitado!...

HILDA — Se Lyngstrand te pedisse em casamento, tu aceitarias?

BOLETTE — Estás louca?

HILDA — Se êle não estivesse doente... quero dizer: se não estivesse condenado? Gostarias que fôsse teu marido?

BOLETTE — Não. Podes ficar com êle.

HILDA — Ah! não, muito obrigada. Êle não tem um vinho. Nem mesmo para se sustentar a si próprio.

BOLETTE — Mas então por que motivo estão sempre juntos?

HILDA — É por causa da doença dêle.

BOLETTE — Não me pareces, muito capaz de tanta piedade...

HILDA — Não é piedade. É uma cousa que me tenta.

BOLETTE — Que é que te tenta?

HILDA — Gosto de olhá-lo quando o faço dizer que o mal dêle não é grave... que êle vai partir para o estrangeiro... que vai se tornar um grande artista... Está firmemente convencido disso... sente-se imensamente feliz!... E nada disso acontecerá. Nunca! Êle não viverá até lá. Quando a gente pensa nisso, é tão emocionante!

BOLETTE — Emocionante?

HILDA — Sim, eu acho emocionante. Dou-me ao luxo de achar isso emocionante.

BOLETTE — Meu Deus! Hilda, como tu és má!

HILDA — Faço questão de ser má. Só para te amolar. (*Olha para baixo.*) Arnholm não deve gostar muito destas cousas: isso de ascensões não é com êle. (*Volta-se.*) E verdade: sabes o que notei, quando êle estava à mesa?

BOLETTE — Não. Que foi?

HILDA — Imagina que êle está começando a ficar calvo bem no alto da cabeça!

BOLETTE — És muito boba. E isso não é verdade.

HILDA — Afirmando-te que é. E além disso, êle tem rugas perto dos olhos. Quando me lembro, Bolette, de que estavas apaixonada por êle!...

BOLETTE (*sorrindo*) — Realmente... Entendes uma coisa dessas? Lembro-me ter derramado lágrimas abundantes um dia, por ter êle achado meu nome feio.

HILDA — Imagina só! (*Olha novamente para baixo*.) Repara: a *Dama do Mar*. Ela vem com êle. E não com papai. Não me admiraria nada que aqueles dois se quisessem.

BOLETTE — Não tens vergonha? Como te atreves a falar dela assim? Tudo parecia se ajeitar tão bem entre nós...

HILDA — Pois sim! Vai contando com isso, minha querida! Não, podes ter certeza de que as coisas nunca andarão bem entre ela e nós. O lugar dela não é na nossa casa. Que teria dado em papai, para trazê-la para cá? Não me admiraria nada de que um belo dia ela ficasse louca.

BOLETTE — Louca? De onde tiraste essa idéia?

HILDA — Ora, não é cousa de espantar. A mãe dela não ficou louca? Morreu louca. Eu sei isso.

BOLETTE — Meu Deus! Hilda, tu te intrometes em tudo! Mas não te lembres de falar em semelhante cousa, ouviste? Pelo amor de nosso pai. Sim?

(WANGEL, ELILDA, ARNHOLM e LYNGBRAND *chegam pela direita*.)

ELILDA (*com um gesto, para o fundo*) — É por ali...

ARNHOLM — Sim, é desse lado.

ELILDA — O mar está ali.

BOLETTE (*a ARNHOLM*) — É um belo lugar, não acha?

ARNHOLM — Magnífico. E a vista é admirável.

WANGEL — É verdade, você nunca esteve aqui...

ARNHOLM — Nunca. No meu tempo, êste outeiro era inacessível, julgo eu. Não havia caminho para cá.

WANGEL — Não. Tudo isso foi feito nestes últimos anos.

BOLETTE — Do *Outeiro do Piloto* — veja — lá longe... a vista ainda é mais bonita.

WANGEL — Queres que vamos até lá, Elilda?

ELILDA (*sentando-se numa pedra, à direita*) — Não, obrigada. Mas podem ir. Eu os esperarei aqui.

WANGEL — Fico contigo. As meninas irão com Arnholm.

BOLETTE — Quer ir conosco, senhor Arnholm?

ARNHOLM — Com muito prazer. Há uma estrada para aquele outeiro?

BOLETTE — Há. Uma linda estrada, bem larga.

HILDA — Suficientemente larga para que duas pessoas possam ir por ela de braço dado.

ARNHOLM (*gracelando*) — Realmente, minha pequena dona Hilda? Será possível? (*A BOLETTE.*) Quer ver se ela está dizendo a verdade?

BOLETTE (*reprimindo um sorriso*) — Pois não. Vamos ver. (*Vão de braço dado*.)

HILDA (*a LYNGBRAND*) — Nós também?

LYNGBRAND — De braço dado?

HILDA — Por que não? A mim me agrada.

LYNGBRAND (*oferece-lhe o braço com um sorriso de alegria*) — Como é interessante isto.

HILDA — Isto que?

LYNGBRAND — Parece dois pares de noivos.

HILDA — Garanto que o senhor nunca ofereceu o braço a uma dama, senhor Lyngstrand...

(*Os quatro desaparecem à esquerda*.)

WANGEL (*na plataforma*) — Minha querida Elilda, já que temos um momento nosso...

ELILDA — Sim, vem senta-te perto de mim.

WANGEL (*sentando-se*) — Aquí estamos livres e tranquilos. Podemos conversar.

ELILDA — Sobre que?

WANGEL — A teu respeito. E das nossas relações. Vejo perfeitamente que isto não pode continuar assim.

ELILDA — E essas relações...? Nós as substituiremos por que?

WANGEL — Por uma inteira confiança um no outro, querida. A vida em comum... como antigamente.

ELILDA — Oh! se fôsse possível! Mas infelizmente, não se pode.

WANGEL — Julgo compreender-te. Vejo-o por algumas palavras que te escapam, de quando em vez.

ELILDA (*com violência*) — Não, tu não me compreendes! Não digas isso!

WANGEL — Sim. Tens uma alma reta, Elilda, tens um coração fiel.

ELILDA — É verdade.

WANGEL — E para tua alma, para teu coração, não pode haver segurança, nem felicidade, sem relações bem francas, isentas de qualquer reticência.

ELILDA (*olhando-o, atenta*) — E então?

WANGEL — Não foste feita para suceder a uma outra mulher.

ELLIDA — Por que me dizes isso?

WANGEL — Tive, muitas vezes, intuição disso. Hoje, tenho certeza. Esta festa comemorativa, imaginada pelas meninas... Acreditaste que eu fôsse cúmplice delas. Pois bem! Sim... Um homem não é senhor de suas recordações. Eu, pelo menos, não o sou das minhas.

ELLIDA — Bem sei...

WANGEL — No entanto, como te enganas! Julgas que a mãe das meninas ainda vive, que ela está entre nós, invisível, e sempre presente. Crês que meu coração se divide entre ti e ela. É esse pensamento que te revolta. Vês nas nossas relações algo de imoral. E eis o motivo, pelo qual não podes mais ser minha, não queres mais que sejamos marido e mulher.

ELLIDA (*se levantando*) — Viste isso, Wangel? Viste-o bem?

WANGEL — Sim, hoje examinei tudo minuciosamente.

ELLIDA — Minuciosamente? Realmente? Pois estás enganado.

WANGEL (*erguendo-se*) — Sei perfeitamente que isso não é tudo, querida Ellida.

ELLIDA (*ansiosa*) — Sabes que não é tudo?

WANGEL — Sim. Há mais: não podes suportar êste ambiente. Estas montanhas te sufocam, te esmagam. Falta-te luz aqui. O horizonte é demasiado estreito, a atmosfera não é bastante livre, suficientemente vivificadora.

ELLIDA — É verdade... Noite e dia, verão e inverno, sinto, sofro, a vertiginosa nostalgia do mar.

WANGEL — Infelizmente, querida Ellida, já o percebi. (*Pousa-lhe a mão na cabeça.*) Por isso é preciso que a pobre criança doente volte ao seu elemento.

ELLIDA — De que maneira?

WANGEL — De uma maneira concreta: vamos partir.

ELLIDA — Vamos partir?!

WANGEL — Sim. Estabelecer-nos-emos num lugar qualquer à beira mar... do verdadeiro mar... para que te sintas em teu meio.

ELLIDA — Não! Pego-te! Desiste dessa idéia. Isso não pode ser. Nunca serás feliz longe daqui.

WANGEL — Aconteça o que acontecer... Escuta: acreditas que eu possa viver feliz aqui, sem ti?

ELLIDA — Mas eu estou aqui! E aqui fico. Estou contigo.

WANGEL — É verdade mesmo, Ellida?

ELLIDA — Não fales mais nisso. Estás preso a êste lu-

gar por tôdas as fibras de teu ser, por todos os laços da tua existência...

WANGEL — Mais uma vez, ouve: aconteça o que acontecer, nós partimos. Está decidido, querida Ellida. Nada modificará minha resolução.

ELLIDA — E que julgas, Deus meu, que lucraremos com isso?

WANGEL — Reconquistarás a saúde e a paz de tua alma.

ELLIDA — É uma das faces da questão. Mas tu? Pensa um pouco em ti. Que lucrarás?

WANGEL — Dessa forma, querida, eu te reconquistarei.

ELLIDA — Não, Wangel, é impossível! Impossível, compreendes? E é isso o que há de mais horrível, de mais desesperador...

WANGEL — É o que veremos. Com tais idéias não podes ficar aqui. Só há salvação na fuga. Precisamos partir o mais depressa possível. Está decidido, ouviste?

ELLIDA — Não! Olha, prefiro dizer-te as cousas tais como elas são. Ficarás sabendo tudo.

WANGEL — Pois bem, fala.

ELLIDA — Não deves ser infeliz por minha causa. Tanto mais que isso nada adiantaria.

WANGEL — Prometeste dizer-me tudo.

ELLIDA — Vou fazer o possível. Contar-te-ei tudo o que eu sei. Vem, senta-te mais perto de mim. (*Aproximam-se um do outro.*)

WANGEL — E então, Ellida?

ELLIDA — No dia em que me pediste se eu queria ser tua, falaste-me franca e lealmente do teu primeiro casamento. Fôra uma união feliz.

WANGEL — É exato.

ELLIDA — Não duvido, meu amigo. E se te falo nisso é unicamente para lembrar-te que eu também fui franca. Disse-te que tinha amado uma vez na minha vida e que, de certo modo, havia sido noiva.

WANGEL — De certo modo?

ELLIDA — Sim. Pode chamar-se a isso um noivado. Foi tão curto... Ele partiu. Em seguida, eu rompi. Disse-te tudo isso.

WANGEL — Mas, minha querida Ellida, a que vem agora êste episódio com o qual, no fundo, eu nada tinha que ver, e do qual nunca mais te falei desde então? Até mesmo ignoro de quem se tratava.

ELLIDA — Realmente não me perguntaste nada. Sempre foste tão delicado comigo!...

WANGEL (*sorrindo*) — No caso em questão, não era lá muito grande o meu mérito, pois não era difícil adivinhar o nome...

ELLIDA — O nome!

WANGEL — Não havia muito onde escolher em Skjoldviken. Ou melhor: a escolha limitava-se a um homem.

ELLIDA — Pensas que se trata de Arnholm?

WANGEL — Pois não era ele?

ELLIDA — Não.

WANGEL — Então estou às escuras!

ELLIDA — Lembra-te de um fim de outono, em que um grande veleiro americano veio consertar uma avaria em Skjoldviken?

WANGEL — Lembro-me perfeitamente. Foi o veleiro cujo capitão foi, uma manhã, encontrado assassinado no camarote. Eu mesmo fui chamado para fazer a autópsia.

ELLIDA — Sim, lembro-me.

WANGEL — O crime foi cometido pelo imediato do navio.

ELLIDA (*com vivacidade*) — Isso não ficou esclarecido!

Não havia provas!

WANGEL — Não importa! Não era possível haver dúvida. Por que motivo iria ele afogar-se depois do crime?

ELLIDA — Ele não se afogou. Embarcou num navio que partia para o Norte.

WANGEL (*surpreendido*) — Como sabes isso?

ELLIDA — Wangel, êsse imediato era o homem de quem eu era noiva...

WANGEL (*erguendo-se num pulo*) — Como? Não é possível!

ELLIDA — É verdade. Fui noiva dêsse homem.

WANGEL — Mas, em nome de Deus, Ellida! O que te pôde levar a dar essa cabeçada? Um homem dessa espécie!... Um desconhecido! Como se chamava ele?

ELLIDA — Nessa época ele se chamava Friman. Mais tarde, suas cartas traziam como assinatura: "Alfred Johnston".

WANGEL — De onde vinha ele?

ELLIDA — Disse-me ele que do Fimmark. Mas era originário da Finlândia. Viera de lá pequeno ainda, com o pai.

WANGEL — Ah! era um finlandês, um "Kvenn"?

ELLIDA — Sim, é assim que os chamam.

WANGEL — Que sabes tu a respeito dêle?

ELLIDA — Nada, a não ser que ele se havia engajado muito moço e que navegara por todos os mares.

WANGEL — Só isso?

ELLIDA — Sim. Nunca falávamos nessas cousas.

WANGEL — De que falavam então?

ELLIDA — Quase sempre falávamos do mar.

WANGEL — Ah! do mar?

ELLIDA — Da calmaria e da tempestade. Das noites sombrias no mar. E também das ondas que espelhavam ao sol. Mas falávamos sobretudo das baleias e das focas... e das morsas que se aquecem ao sol do meio-dia nas costas do Norte. Falávamos também das águias e das gralvoas e dêsses outros pássaros que conheces. E enquanto ele falava, — vê se não é estranho, — eu julgava descobrir entre êsse homem e êsses seres — animais, pássaros aquáticos — um parentesco singular.

WANGEL — E tu?

ELLIDA — Sentia-me também aparentada com êles todos.

WANGEL — E foi assim que te tornaste sua noiva?

ELLIDA — Sim. Obedeci-lhe.

WANGEL — Obedeste? Não tinhas então vontade?

ELLIDA — Não, enquanto ele estava ali. Depois não compreendia mais nada do que se passara comigo.

WANGEL — Encontraram-se muitas vezes?

ELLIDA — Não muitas. Ele veio um dia ao farol. Foi então que o conheci. Depois nos encontrávamos de quando em quando. Até ao assassinio do capitão... Até o dia da partida dêle...

WANGEL — Continua, peço-te...

ELLIDA — Era de madrugada. Recebi um bilhete dêle. Pedia-me que fôsse à ponta de Bratthammer... conheces, não? Entre Skjoldviken e o farol.

WANGEL — Sim, sim, sei.

ELLIDA — Dizia-me que fôsse depressa. Ele precisava falar-me.

WANGEL — E foste!

ELLIDA — Sim. Não podia ser de outra forma. Ele então contou-me que tinha apunhalado o capitão, naquela mesma noite!

WANGEL — Confessou-te isso?

ELLIDA — Sim, mas disse que apenas fizera justiça.

WANGEL — Justiça? E por que êsse homicídio?

ELLIDA — Não me quis dizer o motivo. Em atenção a mim, segundo me afirmou.

WANGEL — E tu acreditaste em suas palavras?

ELLIDA — Sim. Não duvidei delas um só minuto. Houvesse, entretanto, o que houvesse, nada mais lhe restava senão partir. Então, no momento dos adeuses... Não, nunca adivinharás o que ele imaginou.

WANGEL — Conta...

ELLIDA — Ele tirou do bolso um aro de chaves, e depois tirou do dedo um anel. Pediu-me igualmente um anelzinho que eu trazia. Passou o aro pelos dois anéis e declarou-me que nos íamos unir ao mar.

WANGEL — Unir?

ELLIDA — Sim. Ao dizer isso, atirou no mar, tão longe quanto pôde, o aro com os anéis.

WANGEL — E tu, Ellida? Aceitaste isso?

ELLIDA — Nem um instante me passou pelo espírito a idéia de me opor! Finalmente ele partiu, graças a Deus.

WANGEL — E depois?

ELLIDA — Depois, bem podes imaginar que não tardei a recuperar o domínio de mim mesma. Tudo o que havia naquilo de absurdo e de loucura se me apresentou claramente.

WANGEL — Mas há pouco falavas de cartas. Recebeste então notícias d'ele, depois disso?

ELLIDA — Sim, tive notícias d'ele. Primeiro recebi algumas linhas de Arcangel. Dizia-me somente que ia partir para a América. E dava-me o seu endereço.

WANGEL — Respondeste-lhe?

ELLIDA — Imediatamente. Escrevi-lhe que estava tudo acabado entre nós. E que ele não devia mais pensar em mim, da mesma forma que eu não pensaria mais nele.

WANGEL — E depois disso ele ainda te escreveu?

ELLIDA — Escreveu-me ainda.

WANGEL — E que disse ele da tua resposta?

ELLIDA — Nem uma palavra. Foi como se eu nunca lhe tivesse falado em rompimento. Dizia-me tranquila e categoricamente que esperasse uma carta, na qual me informaria da época em que me poderia chamar. Assim que eu recebesse essa carta, deveria ir juntar-me a ele.

WANGEL — Quer dizer que ele não queria largar a presa?

ELLIDA — Escrevi-lhe novamente, repellido, quase palavra por palavra, o que já lhe havia dito. Talvez mesmo que o fizesse com mais firmeza.

WANGEL — Ele acabou renunciando?

ELLIDA — De modo nenhum. Recebi nova carta, tão calma quanto a última. Sempre sem uma alusão à ruptura. Eu vi então que era inútil continuar e deixei de escrever-lhe.

WANGEL — Ele fez o mesmo?

ELLIDA — Não. Recebi ainda três cartas d'ele depois disso, sendo uma da Califórnia, outra da China e a terceira da Austrália. Nessa última dizia-me que ia trabalhar em minas de ouro. Depois, nada mais. Não tive mais notícias d'ele.

WANGEL — Esse homem exerceu um grande império sobre ti, Ellida.

ELLIDA — Oh! sim. E ainda me causa medo!

WANGEL — Nunca mais deves pensar nisso! Promete, minha querida, minha bem-amada Ellida! Daqui por diante, vamos mudar de regime. Precisas de um ar mais vivo que o dos fiordes. Precisas de ar salino, do ar regenerador do mar. Queres?

ELLIDA — Oh! não me fales nisso. Por favor! Para que? Isso não servirá de nada. Sinto que nunca me libertarei desta obsessão. Onde quer que eu vá, ela me perseguirá.

WANGEL — Não se libertará de que? Que queres dizer, querida?

ELLIDA — Deste pavor... deste inexplicável poder, ao qual minha alma ainda se conserva subjugada.

WANGEL — Mas já estás livre d'ele há muito tempo. Desde o dia em que rompiste com ele, ficou tudo acabado, bem acabado...

ELLIDA (*levantando-se, num pulo*) — Não, não está acabado!

WANGEL — Não está acabado?

ELLIDA — Não, Wangel, não está acabado! E receio que nunca fique acabado. Nunca, enquanto eu viver.

WANGEL (*com voz soturna*) — Quer isso dizer que nada pôde arrancar de teu espírito a recordação desse estrangeiro?

ELLIDA — Ela se havia apagado. Mas, repentinamente, foi como se ele tivesse voltado.

WANGEL — Quando sucedeu isso?

ELLIDA — Há três anos mais ou menos. Talvez um pouco mais. Foi na época em que eu ia ser mãe.

WANGEL — Então era isso? Quanta coisa começo a compreender...

ELLIDA — Não, querido! O que se passou em mim, nesse momento, creio que ninguém jamais o compreenderá.

WANGEL (*olhando-a dolorosamente*) — Quando penso em que nestes três anos que estamos aqui alimentas em segredo amor por outro... que um outro foi durante todo esse tempo objeto de teu amor, e não eu!

ELLIDA — Como te enganasi!... Só te amo a ti, a ti e a mais ninguém.

WANGEL (*baixando a voz*) — Como se explica então que desde esse tempo, tu não quisesse mais... recomegar nossa vida conjugal?

ELLIDA — Por medo... sim, por medo desse estrangeiro. WANGEL — Medo?

ELLIDA — Médo, sim. Ah! como explicar-te esse horrível terror? Somente o mar possui tais pavores. Ouve, Wangel, preciso dizer-te...

(*Os rapazes e as raparigas da cidade voltam da esquerda, dirigindo-se para a direita. Cumprimentam ao passar. Chegam com eles ARNHOLM, BOLETTE, HILDA e LYNGBRAND*).

BOLETTE (*atravessando a cena*) — Como! ainda estão aqui?

ELLIDA — Sim, está tão fresco nestas alturas.

ARNHOLM — Quanto a nós, vamos dançar.

WANGEL — Fazem muito bem. Daqui a pouco iremos encontrá-los.

HILDA — Até logo.

ELLIDA — Senhor Lyngstrand, quer ficar um momento conosco?

(LYNGSTRAND *pára*. ARNHOLM, BOLETTE e HILDA *desaparecem à direita*).

ELLIDA (*a LYNGBRAND*) — O senhor também vai dançar?

LYNGSTRAND — Não, senhora, não me animo.

ELLIDA — Tem razão. É mais prudente. Com essa doença de peito... Ainda não está bom de todo?

LYNGSTRAND — Não, de todo, não.

ELLIDA (*com alguma hesitação*) — Há quanto tempo o senhor fez aquela viagem?

LYNGSTRAND — A viagem em que eu contraí a minha doença?

ELLIDA — Sim, a viagem de que nos falou esta manhã.

LYNGSTRAND — Fará... Vamos ver... Espere um pouco... Sim, há uns três anos.

ELLIDA — Três anos, diz o senhor?

LYNGSTRAND — Talvez um pouco mais. Saímos da América em fevereiro. Naufragamos em março, no equinócio.

ELLIDA (*olhando para WANGEL*) — Na mesma época...

WANGEL — Mas, minha querida Ellida...

ELLIDA — Não o quero reter, senhor Lyngstrand. Vá, mas não danse.

LYNGSTRAND — Não, contentar-me-ei em ver os outros dançarem. (*Desaparece pela direita*).

WANGEL — Por que motivo lhe falaste dessa viagem, minha querida Ellida?

ELLIDA — Porque tenho certeza que Johnston estava a bordo.

WANGEL — Que te faz supor isso?

ELLIDA (*sem responder*) — Foi a bordo desse navio que

êle soube do meu casamento com outro. E foi nesse momento que eu senti pela primeira vez...

WANGEL — Esse terror misterioso?

ELLIDA — Sim. Quando esse terror se apoderou de mim, — ou melhor, um momento depois — eu vi Johnston vivo na minha frente. Ele nunca me olha. Está presente. E é tudo.

WANGEL — Como o vês?

ELLIDA — Tal como o vi pela última vez.

WANGEL — Há dez anos?

ELLIDA — Sim. No cabo de Bratthammer. O que vejo mais nitidamente é o alfinete de gravata, com uma pérola grande, de reflexos azulados. Dir-se-ia um olho de peixe. E esse olho parece olhar para mim.

WANGEL — Deus de Misericórdia, Ellida!... Estás mais doente do que eu pensava. Mais doente do que tu mesma o julgas.

ELLIDA — Sim, sim, salva-me, se puderes! Porque sinto que o círculo me aperta cada dia mais.

WANGEL — E ficaste três anos nesse estado! Sofreste esse tormento secreto, sem te confiáres a mim!

ELLIDA — Mas se eu não o podia! Somente o pude há pouco, — quando foi preciso a qualquer preço... tratava-se de ti. Se eu te tivesse confiado isso, teria de confiar-te igualmente o que não se pode dizer.

WANGEL — O que não se pode dizer?

ELLIDA — Não, não, não! Não me interrogues! Não direi nem mais uma palavra. Dize-me Wangel, como explicas aquele mistério, o mistério dos olhos da criança?

WANGEL — Minha querida, minha bem amada Ellida, asseguro-te que é pura fantasia tua. Os olhos do pequeno nada tinham de particular. Ele tinha os olhos iguais aos das outras crianças.

ELLIDA — Não, não é verdade! Nunca chegaste a ver os olhos da criança mudarem de cor segundo as variações do fiord! Límpidos e luminosos, quando o fiord reluzia ao sol. Sombrios e turvos, durante a tormenta... Oh! mas eu vi o que não podias ver.

WANGEL (*cedendo, pigarreia*) — Pois bem, admitamos. Mas, mesmo que assim fôsse, que significação teria isso?

ELLIDA (*baixando a voz e chegando-se a elle*) — Eu vi outros olhos semelhantes a esses.

WANGEL — Onde? Quando?

ELLIDA — Na porta de Bratthammer. Há dez anos.

WANGEL (*recuando um passo*) — Que queres dizer?

ELLIDA (*em voz baixa e trêmula*) — A criança tinha os olhos daquele homem.

WANGEL (*deixando escapar um gemido*) — Ellida!

ELLIDA (*erguendo as mãos por sobre a cabeça e torcendo-as com desespero*) — Agora comprehendes porque não quero mais, porque não me atrevo a ser tua mulher! Nunca mais! (*Desvia-se subitamente e desce rápida a encosta, à direita*).

WANGEL — (*precipita-se atrás dela gritando*) — Ellida, Ellida! Minha pobre, minha infeliz Ellida!

Pano

TERCEIRO ATO

(*Um recanto afastado do jardim dos WANGEL. O lugar é úmido, pantanoso e sombreado por grandes e velhas árvores. À direita, um pequeno lago lodoso. Uma sebe baixa, sem grades, separa o jardim do caminho e do fiord que se estende ao fundo. Por trás do fiord uma cadeia de montanhas dentada por alguns picos. Hora avançada da tarde. Começa a anoitecer.*)

BOLETTE *cose, sentada num banco de pedra, à direita. Ao lado dela, um liço e um cesto de costura. HIDA e LYNSTRAND, com pequenas redes de pescar, estão à beira do lago*).

HIDA (*fazendo sinal a LYNSTRAND*) — Silêncio! Estou vendo um grande.

LYNSTRAND (*olhando*) — Onde?

HIDA (*indicando*) — Não vê as cousas? Ah! Bom! Aquí está outro (*olhando por entre as árvores*). Diabo! Ele vai assustá-lo.

BOLETTE (*erguendo os olhos*) — Quem é esse ele?

HIDA — Teu professor, mãezinha.

BOLETTE — Meu professor?

HIDA — Certamente, porque meu é que não foi.

(*ARNHOLM que vem da direita, aparece por entre as árvores*).

ARNHOLM — Então agora há peixes no lago?

HIDA — Há. Estou vendo umas percas bem velhas.

ARNHOLM — Realmente? Ainda vivem as velhas percas?

HIDA — Vivem. Elas têm a vida dura. Mas nós agora vamos apanhar algumas.

ARNHOLM — Vocês deviam, antes, se aventurar no fiord.

LYNSTRAND — Não, o lago é mais misterioso.

HIDA — Mais emocionante. O senhor volta do fiord?

ARNHOLM — Venho da casa dos banhos.

HILDA — Então não nadou para fora?

ARNHOLM — Não. Não sou um grande nadador.

HILDA — Não sabe nadar de costas?

ARNHOLM — Não.

HILDA — Pois eu sei. (A LYNGBRAND.) Vamos para o outro lado. (*Vão pela direita, beirando o lago*).

ARNHOLM (*aproximando-se de BOLETTE*) — Estás só, Bolette?

BOLETTE — Estou... como sempre.

ARNHOLM — Sua mãe está no jardim?

BOLETTE — Não, deve estar passeando lá fora, com papai.

ARNHOLM — Como está ela, esta tarde?

BOLETTE — Não sei. Esqueci-me de perguntar-lhe.

ARNHOLM — Que livros está lendo aí?

BOLETTE — Botânica e geografia.

ARNHOLM — Gosta dessas leituras?

BOLETTE — Leio essas cousas nas horas de lazer. Minha principal ocupação consiste em tomar conta do serviço da casa.

ARNHOLM — Sua mãe... sua madrastra não a ajuda um pouco?

BOLETTE — Não. Mesmo porque essas atribuições são minhas. Cuidei disso durante os dois anos que papai viveu só. E depois continuei...

ARNHOLM — Não obstante, conservou o gosto pelo estudo?

BOLETTE — Sim, leio livros úteis tanto quanto posso. É preciso saber-se alguma coisa da terra onde se vive. Aqui estamos tão longe de tudo...

ARNHOLM — Não diga isso, Bolette.

BOLETTE — Por que não? Não há grande diferença entre a nossa vida e a das percas no lago. Elas estão pertinho do fiord, onde nadam em tôdas as direções os peixes selvagens, os grandes peixes do mar. Mas todos êsses pobres peixes domésticos nada sabem disso. Nunca tomarão parte nessa existência desconhecida.

ARNHOLM — A meu ver, êles andariam mal aventurando-se nela.

BOLETTE — Mas não seriam por isso mais dignas de lástima...

ARNHOLM — Aliás, você não pode dizer que aqui se esteja tão fora de tudo. Pelo menos, não no verão. Isto aqui se tornou, segundo parece, uma espécie de encruzilhada das nações, — quase que um centro universal...

BOLETTE (*sorrindo*) — Zombe de nós, o senhor que está aqui de passagem.

ARNHOLM — Que é isso? Acha que estou zombando de você?

BOLETTE — Pelo menos está repetindo o que se diz na cidade. Centro universal, encruzilhada das nações... Não se ouve outra coisa por aqui.

ARNHOLM — Afirmo que isto aqui me impressionou.

BOLETTE — Em tudo o que dizem, não há uma só palavra verdadeira. A nós, que estamos radicados aqui para sempre, que nos importa que passem por estes lugares pessoas de todos os países, para ir ver o sol da meia-noite? O que somos, continuamos a ser, vivendo como as percas no charco.

ARNHOLM (*sentando-se junto a ela*) — Diga-me, querida Bolette, esta nostalgia, que as suas palavras traem, não terá ela alguma razão especial? Diga.

BOLETTE — Talvez.

ARNHOLM — Vejamos... Que poderá ser? Por que suspira assim?

BOLETTE — Antes de mais nada, gostaria de sair daqui Ir-me.

ARNHOLM — Antes de mais nada, disse?

BOLETTE — E depois, iria aprender o que não sei. Intei-rar-me um pouco de tudo.

ARNHOLM — No tempo em que eu lhe dava lições, seu pai falava em fazê-la ingressar na Universidade.

BOLETTE — Pobre papai! Ele diz tanta coisa!... Mas quando chega a hora... Falta-lhe um pouco de energia.

ARNHOLM — Infelizmente é verdade. É um pouco fraco. Mas você alguma vez abordou o assunto? Falou-lhe seriamente, com insistência?

BOLETTE — Não. Reconheço que nunca lhe falei a êsse respeito.

ARNHOLM — Pois é preciso falar-lhe. Antes que seja demasiado tarde. Por que não fez isso, Bolette?

BOLETTE — Talvez porque também me falte energia. Devo ter herdado isso de meu pai.

ARNHOLM — Quem sabe se não está sendo injusta consigo mesma?...

BOLETTE — Infelizmente, não! E, além disso, papai não tem tempo para se ocupar do meu futuro. Nem vontade. Creio mesmo, que gostaria de livrar-se dessa preocupação. Está tão exclusivamente apaixonado por Ellida...

ARNHOLM — Por quem?

BOLETTE — Quero dizer que êle e minha madrastra... (*Interrrompendo-se*) Enfim, meu pai e minha madrastra tem a vida dêles. Compreende, não?

ARNHOLM — O que torna mais urgente ainda, para você, a necessidade de libertar-se.

BOLETTE — Sim. Mas terei o direito de fazê-lo, o direito de abandonar meu pai?

ARNHOLM — Querida Bolette, você terá um dia de resolver esse assunto. É preferível fazê-lo desde já.

BOLETTE — Tem razão. Devo pensar um pouco em mim mesma, procurar criar-me uma situação. Mesmo porque se papai viesse a faltar-me, um dia, eu me veria sem amparo... Pobre pai! Apesar-de reconhecer meus direitos, tremo à idéia de deixá-lo.

ARNHOLM — Tremo?

BOLETTE — Sim, por ele.

ARNHOLM — Mas, meu Deus, ele tem sua madrastra! Ela

ai está para...

BOLETTE — Sim, sim. Mas minha madrastra não sabe, proceder com ele, em certos casos, como minha mãe sabia. Há tanta cousa que esta não vê, ou, talvez, não queira ver... por-tanto talvez pouco se importe... Não sei ao certo o que pensar.

ARNHOLM — Penso que compreendo o que quer dizer...

BOLETTE — Pobre pai! Ele tem as suas fraquezas, reconheço. O senhor mesmo já o deve ter notado. Os negócios não bastam para lhe encherem os dias. Além disso, não acha na mulher o auxílio de que necessita. Será talvez um pouco por culpa dele.

ARNHOLM — Como assim?

BOLETTE — Papai gosta tanto de ver a roda de si carras alegres... Precisa, como costuma dizer, que haja sol em casa. De modo que eu receio que, às vezes, ele lhe dê drogas que acabam por lhe fazer mal.

ARNHOLM — Acredita nisso?

BOLETTE — Ninguém me tira isso da cabeça. De quando em quando, ela é tão exquísita! (*Com vivacidade.*) Não, afinal de contas, não é justo que eu fique nesta casa! Porque, para dizer a verdade, eu não sou de nenhuma utilidade para meu pai. E parece-me que tenho também alguns deveres para comigo mesma.

ARNHOLM — Ouça, Bolette: precisamos falar seriamente a respeito disso, você e eu.

BOLETTE — Para que, meu Deus? Afinal de contas, eu fui feita, provavelmente, para ficar toda a minha vida no charco das percas.

ARNHOLM — Isso não! Depende de você, só de você, sair dele.

BOLETTE (*interessada*) — Acredita?

ARNHOLM — Tenho certeza. Você é dona, senhora absoluta do seu destino.

BOLETTE — Oh! Se assim fosse! Pretende falar sobre isso a papai?

ARNHOLM — Pretendo. Mas antes quero conversar com você mesma, minha querida Bolette. Bem francamente. (*Olha para a esquerda.*) Disfarcie. Falaremos mais tarde sobre esse assunto.

(*Elida vem pela esquerda. Está sem chapéu, envolta somente num grande chale que lhe cobre a cabeça e os ombros.*)

ELIDA (*com inquieta vivacidade*) — Como está agradável aqui! É delicioso...

ARNHOLM (*erguendo-se*) — Esteve passeando?

ELIDA — Sim, estive passeando. Um lindo e demorado passeio com Wangel. Vamos agora velejar.

BOLETTE — Não queres sentar-te?

ELIDA — Não, obrigada. Prefiro ficar de pé.

BOLETTE (*fazendo lugar no banco*) — Aqui tem lugar...

ELIDA (*cominhando de um lado para outro*) — Não, não.

Não me quero sentar. Não quero.

ARNHOLM — O passeio fez-lhe bem. Está com aspecto animado.

ELIDA — Realmente, sinto-me muito bem. É uma sensação de felicidade, como nunca senti... de felicidade e de segurança. (*Olha para a esquerda.*) Que grande vapor é aquele que está chegando?

BOLETTE (*erguendo-se e olhando*) — Deve ser o vapor inglês.

ARNHOLM — Parou na ponta. É o lugar habitual dele? BOLETTE — Sim, ele faz uma parada de meia hora, antes de subir o fiord.

ELIDA — Tornará a partir amanhã. Far-se-á ao largo.

Buscará o alto mar. O mar aberto, imenso, que vai até ao outro continente. Ah! se eu estivesse a bordo! Se eu pudesse! Se eu pudesse!

ARNHOLM — Nunca fez nenhuma viagem, senhora Wangel?

ELIDA — Nunca. Somente pequenos passeios nos fiords. E nada mais.

BOLETTE — Não temos outro remédio senão nos contentarmos com a terra firme.

ARNHOLM — Que, afinal, é o nosso elemento...

ELIDA — Não creio.

ARNHOLM — Como?

ELIDA — Não. Não creio que seja esse o nosso elemen-

to. Creio que se, desde a origem, o homem tivesse tomado o hábito de viver no mar, — dentro do mar, talvez, — nós teríamos atingido hoje a uma perfeição, da qual nem possamos fazer idéia. Seríamos melhores e mais felizes.

ARNHOLM — Tem certeza disso?

ELLIDA — Quase... Muitas vezes falamos nisso, eu e Wangel...

ARNHOLM — E ele que diz?

ELLIDA — Diz que é possível que eu tenha razão.

ARNHOLM (*gracejando*) — Admitamos. Mas o que está feito, está feito. Erramos de caminho e nos tornamos animais da terra, em vez de animais marinhos. Agora é muito tarde para voltarmos ao caminho certo.

ELLIDA — Está dizendo uma verdade bem triste. Creio que os homens sentem isso obscuramente e que esse sentimento neles trabalha como um verme roedor. E é aí que a tristeza humana tem as suas raízes mais profundas. Sim, é isso mesmo, pode acreditar.

ARNHOLM — Mas, querida senhora Wangel, não tenho a impressão, de que os homens sejam roídos até esse ponto pela tristeza. Ao contrário: parece-me que a maioria deles aceita alegremente a vida, e que no fundo de suas almas reina uma alegria grande, calma e inconsciente.

ELLIDA — Não, isso é falso. Essa alegria é a que se experimenta durante os longos dias de verão... mas que o pressentimento das próximas trevas tolda. E é esse pressentimento que paira sobre as alegrias humanas, como a nuvem errante sobre o fiord, obscurecendo-o com a sua sombra. Ainda há pouco, o lençol azul brilhava ao sol. E, subitamente...

BOLETTE — Não te devias entregar a esses pensamentos tristes. Ainda há pouco estavas tão alegre, tão animada...

ELLIDA — Sim, sim, estava. Que tolice, a minha! (*Olha em torno, inquieta.*) E Wangel que não vem! Tinha-me prometido. Não virá. Ter-se-á esquecido? Meu caro Arnholm, quer ter a bondade de ir buscá-lo?

ARNHOLM — Com muito prazer.

ELLIDA — Diga-lhe que venha imediatamente. Não consigo mais vê-lo.

ARNHOLM — Não consegue vê-lo? Quando ele não está perto de mim, acontece que lhe esqueço a fisionomia e sobreveém-me a sensação horrível de que o perdi. Vá, peço-lhe, vá. (*Caminha de um lado para o outro, à beira do lago.*)

BOLETTE (*a Arnholm*) — Vou com o senhor. Talvez não o encontre.

ARNHOLM — Hei de encontrá-lo, sim, garanto-lhe.

BOLETTE (*a meia-voz*) — Estou inquieta. Tenho receio de que ele tenha ido fazer uma visita ao navio.

ARNHOLM — E que tem isso?

BOLETTE — Não compreende? Ele vai ver se tem conhecidos a bordo... E entra então no restaurante...

ARNHOLM — Está bem. Venha.

(*Desaparecem pela esquerda. Ellida fica um momento imóvel à beira do lago com o olhar fixo na água. De quando em quando diz em voz baixa algumas palavras sem nexo.*)

No caminho, por trás da cerca do jardim, vê-se um ESTRANGEIRO em trajes de viagem. Cabeleira e barba densas e ruivas. Boné escocês. Saco de viagem a tiracolo).

O ESTRANGEIRO (*caminha lentamente ao longo da cerca e mergulha o olhar no jardim. Ao ver Ellida detém-se, olha-a fixamente e diz com voz abafada:*) — Boa tarde, Ellida!

ELLIDA (*vira-se e exclama*) — Até que enfim!

O ESTRANGEIRO — Realmente: enfim!

ELLIDA (*olhando-o admirada, inquieta*) — Quem é o senhor? Está procurando alguém?

O ESTRANGEIRO — Bem sabes que sim, Ellida.

ELLIDA (*apreensiva*) — Que quer dizer isso? Está falando comigo? A quem procura?

O ESTRANGEIRO — Procura-te.

ELLIDA (*transformada*) — Ah! (*Olha-o fixamente, recua um passo, estremece e dá um grito meio abafado.*) Oh! Esses olhos! Esses olhos!

O ESTRANGEIRO — Estás me reconhecendo? Eu te reconheci imediatamente, Ellida.

ELLIDA — Oh! Esses olhos! Não me olhe assim! Vou chamar.

O ESTRANGEIRO — Não! Não tenhas medo. Não te farei mal algum.

ELLIDA (*tapa os olhos*) — Não me olhe assim, peço-lhe.

O ESTRANGEIRO (*debruçando-se na cerca*) — Vim pelo navio inglês.

ELLIDA (*olhando-o atentamente*) — Que me quer o senhor?

O ESTRANGEIRO — Não te prometi que voltaria assim que pudesse?

ELLIDA — Retire-se! Vá embora! Nunca mais volte, nunca! Eu lhe escrevi que tudo estava acabado entre nós! Tudo! O senhor já o sabe!

O ESTRANGEIRO (*impassível, sem responder*) — Por mi-

nhá vontade teria vindo mais cedo. Mas era impossível. Finalmente pude vir. E aqui estou, Ellida.

ELLIDA — Que me quer? Que quer? Por que veio?

O ESTRANGEIRO — Bem sabes que voltei para te levar comigo.

ELLIDA (*recuando, apavorada*) — Levar-me! Quer levar-me!

O ESTRANGEIRO — Naturalmente.

ELLIDA — Não sabe acaso que estou casada?

O ESTRANGEIRO — Sei.

ELLIDA — E a-pesar-disso!... O senhor vem... vem para levar-me?!

O ESTRANGEIRO — Sim!

ELLIDA — Mas é horrível!

O ESTRANGEIRO — Será que não queres?

ELLIDA (*apavorada*) — Não me olhe assim.

O ESTRANGEIRO — Pergunto-te se não queres?

ELLIDA — Não, não e não! Não quero! Não quero! Nunca, nunca! Não quero, repito! Não quero! Não quero! (*Mais baixo.*) Tenho medo!

O ESTRANGEIRO (*pula a cerca e entra no jardim*) — Está bem, Ellida, está bem. Deixa-me somente dizer-te uma palavra antes de partir.

ELLIDA (*quer fugir, mas não pode. Parece paralisada pelo medo e apóia-se num tronco de árvore junto ao lago*) — Não se aproxime! Nem mais um passo! Por favor, não se aproxime!

O ESTRANGEIRO (*cautelosamente, dando alguns passos em direcção a ela*) — Não debes ter tanto medo de mim, Ellida.

ELLIDA (*tapando os olhos*) — Não me olhe assim!

O ESTRANGEIRO — Não tenhas medo. Não debes ter medo. (*WANGEL chega pelo jardim.*)

WANGEL (*a meio caminho, entre as árvores*) — Então! Fiz-te esperar muito tempo?

ELLIDA (*precipita-se para ele, agarra-lhe no braço e exclama:*) — Salva-me Wangel! Salva-me!

WANGEL — Mas que há, Ellida? Que há?

ELLIDA — Salva-me, Wangel! Estás vendo esse homem?

Alf!

WANGEL — Esse homem? (*Aproxima-se.*) Posso saber quem é o senhor? E por que motivo está no meu jardim?

O ESTRANGEIRO (*apontando para ELLIDA*) — Preciso falar-lhe... a ela.

WANGEL — Realmente? Era então o senhor?... (*A El-*

LIDA.) Disseram-me efêvamente, que um estrangeiro havia pedido para falar-te.

O ESTRANGEIRO — Era eu.

WANGEL — E que deseja o senhor, de minha mulher?

(*Vira-se para ela.*) Tu o conheces?

ELLIDA (*em voz baixa, retorcendo as mãos*) — Se o conheço? Sim, sim, sim.

WANGEL (*com ímpeto*) — E então?

ELLIDA — É ele Wangel! É ele! Aquele que sabes!

WANGEL — Que! Que me dizes? (*Virando-se para ele.*)

O senhor é esse tal Johnston que...?

O ESTRANGEIRO — Vá que seja Johnston. Pode chamar-me assim, se quiser... Muito embora não seja esse o meu nome.

WANGEL — Não é o seu nome?

O ESTRANGEIRO — Neste momento, não.

WANGEL — Diga o que quer com minha mulher. Porque deve saber que a filha do diretor do farol está casada. E provavelmente sabe com quem?

O ESTRANGEIRO — Há três anos o sei.

ELLIDA (*ansiosamente*) — Como o soube?

O ESTRANGEIRO — Vinha verte. Caiu-me nas mãos um velho jornal. Era um jornal daqui. Aí se falava da tua "união".

ELLIDA (*com o olhar vago*) — Era então isso.

O ESTRANGEIRO — A notícia causou-me um efeito singular. Quando juntamos nossos anéis, Ellida... era também uma união.

ELLIDA (*esconde o rosto nas mãos*) — Oh!

WANGEL — Como se atreve...

O ESTRANGEIRO — Tinhas esquecido?

ELLIDA (*sentindo o olhar fixado nela, exclama:*) — Não me olhe assim!

WANGEL (*colocando-se diante dele*) — É a mim a quem deve dirigir-se e não a ela. Em duas palavras: agora que sabe de tudo nada mais tem a fazer aqui. Por que quis falar com minha mulher?

O ESTRANGEIRO — Eu lhe prometera vir buscá-la logo que pudesse.

WANGEL — Ellida! Outra vez!

O ESTRANGEIRO — E Ellida prometera esperar-me.

WANGEL — Ouço-o chamar minha mulher por seu nome de batismo. Essas familiaridades, entre nós, não são usadas. O ESTRANGEIRO — Eu o sei. Mas é a mim que ela pertence, antes de mais nada...

WANGEL — Ao senhor? Persiste?

ELLIDA (*achegando-se a WANGEL*) — Oh! Ele não me deixará!

WANGEL — Ela lhe pertence? Diz que ela lhe pertence? O ESTRANGEIRO — Não lhe falou ela de dois anéis, do dela e do meu?

WANGEL — Sim. E daí? Ela não rompeu com o senhor? O senhor recebeu as cartas dela. Sabe-o tão bem quanto eu.

O ESTRANGEIRO — Convecionamos, Ellida e eu, que ao unir nossos anéis, nós nos uníamos para sempre, por um pacto indissolúvel.

ELLIDA — Mas eu não quero, ouviu? Não quero mais ouvir falar nesse pacto! Nunca mais! Não me olhe assim! Não quero, repito-lhe!

WANGEL — É preciso que o senhor esteja louco, para pretender firmar um direito num simples brinquedo de crianças.

O ESTRANGEIRO — É verdade que eu não tenho nenhum direito no sentido que o senhor dá ao termo...

WANGEL — Nesse caso, que pretende? Não vai pensar, suponho, que poderá tirar Ellida daqui à força! Contra a vontade dela!

O ESTRANGEIRO — Não. Para que? Se Ellida quiser seguir-me, é preciso que o faça espontaneamente.

ELLIDA (*surpreendida, exclama:*) — Espontaneamente!

WANGEL — E o senhor imagina que...?

ELLIDA (*com o olhar vago*) — Espontaneamente!

WANGEL — O senhor não está no seu juízo. Retire-se! Nada mais temos a dizer-nos.

O ESTRANGEIRO (*consultando o relógio*) — Está quase na hora de voltar para bordo. (*Aproximando-se um pouco.*) Ellida, eu fiz o meu dever. (*Aproxima-se mais.*) Cumprí a palavra dada.

ELLIDA (*com uma súplica na voz, recuando*) — Oh! Não se aproxime!

O ESTRANGEIRO — Dou-te tempo para refletir, até amanhã de tarde.

WANGEL — Não há nada a refletir. Retire-se!

O ESTRANGEIRO (*continuando a falar a Ellida*) — O navio vai subir o fiord. Voltará amanhã de tarde. Eu estarei aqui e tu me esperarás no jardim. Compreendes: é melhor que estejamos sós, para terminarmos este assunto.

ELLIDA (*em voz baixa e tremendo*) — Estás ouvindo, Wangel!

WANGEL — Tranquiliza-te. Sabermos impedir esta visita.

O ESTRANGEIRO — Até à vista, Ellida, amanhã à tarde.

ELLIDA (*suplicando*) — Oh! Não, não! Não volte amanhã de tarde. Não volte nunca mais!

O ESTRANGEIRO — E se até lá, tu te resolveres a seguir-me, a ir comigo para o mar...

ELLIDA — Oh! Não me olhe assim!

O ESTRANGEIRO — Será então preciso que estejas pronta para partir.

WANGEL — Volta para casa, Ellida.

ELLIDA — Não posso! Ven em meu socorro, Wangel! Salva-me!

O ESTRANGEIRO — E fica com a certeza de uma cousa: se não partires comigo amanhã, está tudo acabado para sempre.

ELLIDA (*tremula, olhando-o*) — Para sempre? Acabado, dizes?

O ESTRANGEIRO — Irrevogavelmente, Ellida. Nunca mais voltarei a estas paragens. Nunca mais tornarás a ver-me, nem ouvirás falar em mim.

ELLIDA (*com um suspiro, angustiada*) — Oh!

O ESTRANGEIRO — Portanto, reflete bem, antes de tomares uma resolução. Adeus. (*Torna a passar a cerca, púta e acrescenta.*) Repito-te Ellida, deves estar pronta para partir. Amanhã de tarde, virei buscar-te. (*Retira-se lentamente, com passo calmo, pelo caminho, e desaparece à direita.*)

ELLIDA (*segundo-o com o olhar*) — Espontaneamente, disse-ê! Imagina! Partir com êle, espontaneamente! Foi o que disse, ouviste?

WANGEL — Vamos! Volta a ti. Êle partiu e nunca mais o verás.

ELLIDA — Iludes-te! Voltará amanhã de tarde.

WANGEL — Que volte, se quiser. Tudo o que sei é que não te verá.

ELLIDA (*sacudindo a cabeça*) — Não, Wangel, não podes impedir-lo.

WANGEL — Posso sim, querida. Conta comigo.

ELLIDA (*refletindo*) — E depois da sua volta, amanhã de tarde? E depois da sua partida... depois?...

WANGEL — Depois...

ELLIDA — Achas que êle não voltará mais, nunca mais? WANGEL — Não, querida. Podes ficar tranquila. Que viria êle fazer aqui, de agora em diante? Agora que lhe manifestaste nitidamente o teu desejo de não mais ouvir falar nele? Com isto, disseste tudo.

ELLIDA (*com o olhar vago*) — Amanhã ou nunca mais...

WANGEL — E mesmo que ele se lembrasse de voltar...

ELIDA — Sim...?

WANGEL — Está em nossas mãos torná-lo inofensivo.

ELIDA — De que forma?

WANGEL — Está em nossas mãos, repito-te! Se não houver outro meio de te desembaraçar dele, fá-lo-emos expiar a morte do capitão.

ELIDA (*com violência*) — Não, não e não! Nada disso! Nada sabemos a respeito da morte do capitão. Absolutamente nada!

WANGEL — Não sabemos nada? Mas se ele mesmo te confessou o crime!...

ELIDA — Não, não! Não quero! Se falares, nego tudo. Não quero que o prendam! Ele pertence à imensidade, ao mar alto... Ele pertence ao mar

WANGEL (*olha-a e diz lentamente*) — Ah! Elida! Elida! Elida (*agarrando-se violentamente a elle*) — Oh! meu querido Wangel, salva-me das mãos deste homem!

WANGEL (*desprende-se delicadamente*) — Vem comigo! vem!

(LYNGSTRAND e HUDA empunhando as suas rédes de pescar, vêm pela direita, beirando o lago).

LYNGSTRAND (*aproximando-se de Elida com vivacidade*)

— Senhora, aconteceu uma cousa imprevista!

WANGEL — Que foi?

LYNGSTRAND — Imagine! Vimos passar o americano.

WANGEL — O americano?

HUDA — Eu também o vi.

LYNGSTRAND — Ele ia rumo ao mar. Deve ter embarcado no grande paquete inglês.

WANGEL — De onde conhece esse homem?

LYNGSTRAND — Fiz uma travessia com ele. Tinha certeza de que se tinha afogado. E ei-lo aqui bem vivo!

WANGEL — Tem algumas informações seguras a respeito dele?

LYNGSTRAND — Não. Mas com certeza ele vem vingar-se da infiel.

WANGEL — Como assim?

HUDA — Lyngstrand vai inspirar-se no caso para fazer uma obra de arte.

WANGEL — Não entendo patavina do que estão dizendo.

ELIDA — Explicar-te-ei tudo isso.

(ARNHOLM e BOLETTE, chegam pelo caminho, vindos da direita).

BOLETTE (*por sobre a cerca*) — Venham ver o navio inglês subindo o fiord! (*Vê-se passar um grande barco*).

LYNGSTRAND — É esta noite que ele virá procurá-la, tenho certeza.

HUDA (*anunciando com a cabeça*) — Sim, sim, a infiel...

LYNGSTRAND — À meia-noite!

HUDA — Oh! vai ser bem emocionante.

ELIDA (*seguindo o navio com os olhos*) — Amanhã...

WANGEL — E depois, nunca mais.

ELIDA (*com voz trêmula*) — Wangel, salva-me de mim mesma!...

WANGEL (*olhando-a com angústia*) — Elida! Há no fundo de tudo isto qualquer cousa que não percebo.

ELIDA — Sim, há a vertigem, a fascinação...

WANGEL — A fascinação?

ELIDA — Este homem é como o mar. (*Atravessa o jardim, dirigindo-se para a direita, lentamente, com ar absorto*).

WANGEL (*caminha a seu lado...*)

Puno

QUARTO ATO

(O salão dos WANGEL. Porta à direita e à esquerda. No fundo, entre as duas janelas, uma porta envidraçada, aberta, conduzindo à varanda. Abaixo desta, avista-se uma parte do jardim. No primeiro plano, à esquerda, um sofá e uma mesa. À direita, um piano. Um pouco mais ao fundo, uma grande cesta de flores. No meio da peça, uma roseira redonda e duas cadeiras. Em cima da mesa uma roseira florida, cercada de outros vasos de flores. Antes do meio-dia.

BOLETTE, sentada no sofá, à esquerda, está bordando. No fundo, do outro lado da mesa, numa cadeira, LYNSTRAND. Em baixo, no jardim, BALLESTED está pintando. À seu lado HIDA olha-o).

LYNSTRAND (com os cotovelos encostados na mesa, olha um momento em silêncio, o trabalho de BOLETTE) — Essa faixa deve ser difícil de bordar, não é senhorita Wangel?

BOLETTE — Não muito, se o desenho fôr bem traçado...

LYNSTRAND — Então também desenha?

BOLETTE — Sim, para o bordado. Olhe.

LYNSTRAND — Tem razão! Mas isso é quase arte! Então a senhorita sabe desenhá-lo?

BOLETTE — Sim, sei... tendo um modelo.

LYNSTRAND — Sem modelo, não?

BOLETTE — Sem modelo, não.

LYNSTRAND — Nesse caso, então, não é bem arte.

BOLETTE — Não, é apenas um pouco de habilidade.

LYNSTRAND — Mas eu creio que a senhora poderia aprender uma arte.

BOLETTE — Mesmo sem talento?

LYNSTRAND — Sim, sob a direção de um verdadeiro mestre.

BOLETTE — Acredita que ele me ensinaria a sua arte?

LYNSTRAND — Não, no sentido usual do termo. Mas a senhora conseguiria, pouco a pouco, refleti-lo. Chega a ser prodigioso, senhorita Wangel.

BOLETTE — Com efeito, é estranho.

LYNSTRAND (depois de um pequeno silêncio) — Nunca pensou, seriamente, no casamento, senhorita?

BOLETTE (considerando-o um momento) — Eu?... Não! LYNSTRAND — Não? Eu sim, já pensei nisso.

BOLETTE — Ah! Realmente?

LYNSTRAND — Sim, penso muito nessas cousas. Sobre tudo no casamento. E, além disso, li muito sobre o assunto. Creio que também no casamento se realiza um prodígio. De fato, é prodigioso que a mulher se possa transformar a ponto de acabar se parecendo com o marido.

BOLETTE — A ponto de se interessar pelos mesmos assuntos que ele, é o que quer dizer?

LYNSTRAND — Sim.

BOLETTE — Mas... E as tendências inatas, as qualidades, o talento...?

LYNSTRAND — A mim mesmo, pergunto se até mesmo nisso...

BOLETTE — O senhor vai acabar afirmando que um homem pode transmitir à mulher tudo o que aprendeu ou pensou.

LYNSTRAND — E por que não? Aos poucos. Como por milagre. Mas, reconheço que isso só pode acontecer nos casos muito unidos, e perfeitamente felizes.

BOLETTE — Nunca pensou que também um homem possa sofrer o contágio da mulher? Tornar-se semelhante a ela?

LYNSTRAND — Um homem? Não! Não posso imaginar isso.

BOLETTE — Por que não um homem, tanto quanto uma mulher?

LYNSTRAND — Porque um homem tem uma vocação. É esta que constitui a sua força, o seu poder. Sim, senhorita Wangel, o homem tem uma vocação.

BOLETTE — Todo homem?

LYNSTRAND — Refiro-me principalmente aos artistas.

BOLETTE — Acha o senhor que um artista ande acertado em casar-se?

LYNSTRAND — Sim, se ele ama verdadeiramente.

BOLETTE — Embora. A meu ver, ele deveria viver somente para a sua arte.

LYNSTRAND — Certamente. Mas ele poderá continuar a fazê-lo, mesmo depois do casamento.

BOLETTE — Mas, e a mulher dele?

LYNGSTRAND — Que quer dizer?

BOLETTE — Sim, a mulher dele? Se ele vive para a sua arte, para que viverá ela?

LYNGSTRAND — Para a arte do marido. Não posso conceder maior felicidade para uma mulher.

BOLETTE — Bem... Isso é um assunto um pouco...

LYNGSTRAND — Pode ter certeza, senhorita. Não se trata somente das honrarias e da consideração das quais, naturalmente, participaria. Isso, admito-o, é secundário. Mas ajudá-lo na sua obra, facilitar-lhe o trabalho, velando sobre ele, cuidando-o, animando-o, tornando-lhe a vida suave... que alegria para uma mulher!

BOLETTE — O senhor nem percebe o quanto é egoísta...

LYNGSTRAND — Egoísta! Eu? Bem se vê que a senhora não me conhece! (*Inclinando-se para ela.*) Senhorita Wangel, quando eu não estiver mais aqui, — e isso não vai demorar muito tempo...

BOLETTE (*olhando-o com compaixão*) — Afaste esses tristes pensamentos.

LYNGSTRAND — Mas... não há nisso nada de muito triste. BOLETTE — Como?

LYNGSTRAND — Vou-me embora dentro de um mês. Digo-lhe adeus. Depois sigo para o sul.

BOLETTE — Ah! muito bem.

LYNGSTRAND — Quando eu não estiver mais aqui, pensará algumas vezes em mim, senhorita?

BOLETTE — Com toda certeza.

LYNGSTRAND (*alegremente*) — Promete-me?

BOLETTE — Prometo.

LYNGSTRAND — Pode jurar, senhorita Bolette?

BOLETTE — Juro. (*Mudando de tom.*) Mas para que tudo isso? De que lhe valerá que eu pense no senhor?

LYNGSTRAND — De que me valerá? A alegria de sabê-la aqui, no seu cantinho, com o seu pensamento pôsto em mim...

BOLETTE — E depois?

LYNGSTRAND — Depois... não sei...

BOLETTE — Nem eu tão pouco. Há tantos obstáculos. Um mundo...

LYNGSTRAND — Poderia se dar um milagre. Um golpe da sorte... que sei eu?... Tenho fé na minha estrela.

BOLETTE (*com vivacidade*) — Tem razão! Deve ter fé!

LYNGSTRAND — Sim, creio nela de modo absoluto. E então daqui a alguns anos, quando me tiver tornado um escultor célebre, e que voltar no esplendor da glória e da saúde...

BOLETTE — Sim, sim. Esperemos que assim seja.

LYNGSTRAND — Pode ter certeza disso. Contanto que me reserve uma recordação terna e fiel... E jurou-me isso, não é?

BOLETTE — Sim. (*Melancolicamente.*) E, no entanto, qual a utilidade disso tudo?

LYNGSTRAND — A utilidade? Ora! senhorita Bolette! Quando menos, facilitar-me a minha obra, apressar-lhe o aparcimento...

BOLETTE — Acha?

LYNGSTRAND — Sim, tenho disso convicção profunda. E parece-me que um tal pensamento deveria estimulá-la, por ver que, do seu cantinho isolado, a senhora contribui até certo ponto para a minha criação artística.

BOLETTE (*olhando-o*) — Bem... E o senhor, por sua vez?

LYNGSTRAND — Eu?

BOLETTE (*olhando para o lado do jardim*) — Falemos de outra cousa. Aí vem o professor.

(ARNHOLM aparece no jardim, à esquerda. Detém-se e fala a BALLESTED e a HIDA.)

LYNGSTRAND — Gosta do seu antigo professor, senhorita Bolette?

BOLETTE — Se gosto dele?

LYNGSTRAND — Pergunto-lhe se tem afeição por ele?

BOLETTE — Tenho, sim. É um amigo excelente: bom conselheiro e muito solícito...

LYNGSTRAND — Não é de admirar que, sendo assim, não se tenha casado?

BOLETTE — Admira-se disso?

LYNGSTRAND — Admiro-me. Dizem que ele possui regular fortuna.

BOLETTE — Dizem. E, não obstante, é mais difícil a ele achar uma moça com quem casar-se do que a outro qualquer.

LYNGSTRAND — Por que?

BOLETTE — Por que, como ele mesmo diz, deu lições a quase todas as moças que conhece.

LYNGSTRAND — E que tem disso?

BOLETTE — Tem que a gente quase nunca se casa com o próprio professor.

LYNGSTRAND — Acredita, então, que uma moça não se possa apaixonar pelo seu professor?

BOLETTE — Acredito... a não ser que se trate de uma adolescente.

LYNGSTRAND — Pois, com franqueza: admiro-me do que está dizendo.

BOLETTE (*suavemente, amagando-o com o dedo*) — Vamos, vamos!

(Durante esse tempo, BALLESTED, juntou seus utensílios de pintura. Leva-os e desaparece pela direita. HILDA ajusta-o e se vai pelo mesmo lado. ARNHOLM sobe à varanda e entra na sala).

ARNHOLM — Bom dia, querida Bolette. Bom dia, senhor... senhor...

(Olha para LYNGBRAND com ar descontente e cumprimenta-o secamente, com um movimento de cabeça. LYNGBRAND ergue-se e sai-o).

BOLETTE (levanta-se e adianta-se para ARNHOLM) — Bom dia, professor.

ARNHOLM — Como vamos indo, agora de manhã?

BOLETTE — Muito bem, obrigada.

ARNHOLM — Sua madraستا está tomando o seu banho costumeiro?

BOLETTE — Não, ela está no quarto.

ARNHOLM — Está indisposta?

BOLETTE — Não sei. Fechou-se no quarto.

ARNHOLM — Realmente?

LYNGSTRAND — A chegada desse americano parece ter impressionado vivamente a senhora Wangel.

ARNHOLM — Como o sabe?

LYNGSTRAND — Vi-o pela atitude dela, depois de lhe dizer que acabava de encontrar esse homem em carne e osso, perto do jardim.

ARNHOLM — Ah!

BOLETTE (a ARNHOLM) — O senhor ficou muito tempo com papai, ontem à noite?

ARNHOLM — Sim, bastante tempo. Falamos seriamente.

BOLETTE — Tive oportunidade de falar-lhe um pouco de mim, e do que me diz respeito?

ARNHOLM — Não, querida Bolette. Não lhe pude falar nisso, porque ele estava muito preocupado com outra cousa.

BOLETTE (suspirando) — É o que sempre acontece.

ARNHOLM (com um olhar significativo) — Mas tratemos do assunto seriamente no decorrer do dia. Onde está seu pai? Saiu?

BOLETTE — Não. Deve estar no gabinete de trabalho. Vou buscá-lo.

ARNHOLM — Obrigado. Deixe. Prefiro ir procurá-lo, eu mesmo.

BOLETTE (apurrando o ouvido, à esquerda) — Espere um pouco. Parece-me ouvi-lo descer. Sim. Ele vem, com certeza, do quarto dela.

(WANGEL entra pela porta da esquerda).

WANGEL (estendendo a mão para ARNHOLM) — Como, meu caro amigo, por aqui, a esta hora?! É muito amável. Justamente precisava falar-lhe.

BOLETTE (a LYNGBRAND) — Vamos ao encontro de Hilda, no jardim?

LYNGSTRAND — Com muito prazer, senhorita.

(BOLETTE e LYNGBRAND descem ao jardim e se dirigem para o grupo de árvores do fundo).

ARNHOLM (que os acompanhou com o olhar, vira-se para WANGEL) — Conhece bem esse rapaz?

WANGEL — Muito superficialmente.

ARNHOLM — Não o acha muito íntimo com as meninas?

WANGEL — Não tinha reparado nisso.

ARNHOLM — Pois devia prestar atenção.

WANGEL — Efetivamente. Tem razão. Mas que posso eu fazer, meu amigo? As pequenas estão tão habituadas agora a fazer o que querem... Não se deixam guiar nem por mim, nem por Ellida.

ARNHOLM — Nem mesmo por sua mulher?

WANGEL — Não. Aliás, não posso exigir que ela se ocupe das meninas. Não é cousa para o seu temperamento. (Interrompendo-se.) Mas não é disso que precisamos falar. Digame, pensou em tudo que lhe disse?

ARNHOLM — Não pensei em outra cousa, desde que nos separamos.

WANGEL — E que julga que me reste a fazer?

ARNHOLM — Acho que na qualidade de médico, o senhor deve sabê-lo muito melhor do que eu.

WANGEL — Se soubesse o quanto é difícil para um médico julgar com acerto o caso de um doente ao qual está preso por laços da mais terna afeição! E note que não se trata aqui de uma doença comum: não é um médico comum que poderia dar-lhe remédio... nem são meios comuns os que se deveriam empregar.

ARNHOLM — Como está ela passando agora de manhã?

WANGEL — Venho dos seus aposentos. Parecia completamente calma. Mas, seja qual for o seu estado, há sempre nela um mistério que não consigo desvendar. Além disso, é tão variável, tão desconcertante, tão sujeita a transformações rápidas!

ARNHOLM — Isso, sem dúvida, é devido ao seu estado geral?

WANGEL — Não totalmente. Para ser franco... é inato: Ellida pertence à raça da gente do mar. Isso significa tudo.

ARNHOLM — Que quer dizer com isso, doutor?

WANGEL — Nunca notou que a gente da costa, das margens do Oceano formam, de algum modo, uma raça à parte? E como se suas vidas estivessem ligadas à vida do mar. Há flutuações, — a da maré, — nos seus pensamentos e nas suas sensações. E não se aclimatam em parte alguma. Ah! Eu devia ter pensado nisso! Foi um verdadeiro crime arrancar Ellida do seu elemento para trazê-la para cá.

ARNHOLM — Tem certeza disso?

WANGEL — Cada vez tenho mais certeza. No fundo eu o sabia. Mas não o queria confessar a mim mesmo. Amava-a tanto! Compreende? E pensava somente em mim. Fui egoísta!

ARNHOLM — Ora, meu Deus, quem não seria um pouco egoísta no seu lugar? Aliás, isso é um defeito que nunca lhe conheci, meu caro doutor.

WANGEL (*caminhando de um lado para outro*) — Fui egoísta então... e mais tarde também. Sou muito mais velho do que ela! Eu deveria ter sido um pai, um guia para ela. Incumbia-me desenvolver-lhe o espírito, esclarecer-lhe as idéias. Infelizmente, nada disso fiz. Não tive energia, aí está. Preferia conservá-la tal qual ela era. As cousas foram de mal a pior. Não sabia mais o que fazer. (*Mais baixo.*) Foi nessa cruel perplexidade que lhe escrevi, que o convidei a nos vir ver.

ARNHOLM (*olhando-o, surpreso*) — Como? Foi por isso que me escreveu?

WANGEL — Sim, mas finja que o ignora.

ARNHOLM — Mas, na verdade, caro doutor, que esperava de mim? Não compreendo...

WANGEL — Nem pode compreender. Eu seguia uma pista errada. Julguei que Ellida o amava. E que os vestígios desse sentimento não haviam desaparecido ainda. Pensei que recordando juntos os tempos passados, o antigo lar de Ellida... isso só poderia trazer-lhe benefício...

ARNHOLM — De modo que quando me escreveu em termos enigmáticos, dizendo que me esperavam aqui, que me desjavam aqui... era de sua mulher que se tratava?

WANGEL — Sim. De quem pensou que fosse?

ARNHOLM (*bruscamente*) — De ninguém. Somente, não compreendi.

WANGEL — Mais uma vez, não me admire. Eu estava numa pista errada.

ARNHOLM — E diz que é egoísta!

WANGEL — É que eu cometera uma grande falta; tornava-se necessário repará-la! Tinha eu o direito de afastar, fôsse o que fôsse que a pudesse aliviar um pouco?

ARNHOLM — Como explica o poder que esse homem tem sobre ela?

WANGEL — Parece-me inexplicável... sobrenatural...

ARNHOLM — De fato, é muito confuso.

WANGEL — Sim, é inexplicável... pelo menos por enquanto.

ARNHOLM — Acredita nessas cousas? No sobrenatural?

WANGEL — Não digo que sim, nem que não. Ignoro, eis tudo. Razão pela qual elimino a questão.

ARNHOLM — Sim, mas... penso numa cousa. O que ela disse a respeito dos olhos do menino, — aquela afirmação tão estranha, tão repugnante...

WANGEL (*com impeto*) — Quanto a isso, não creio! Não quero crer! É pura fantasia! Não pode ser senão isso.

ARNHOLM — Observou, ontem, os olhos desse homem?

WANGEL — Certamente.

ARNHOLM — E não encontrou semelhança?

WANGEL (*emburrado*) — Francamente, não lhe sei dizer. Já estava escurecendo. E, além disso, Ellida me havia falado tanto dessa semelhança!... É possível que eu estivesse sugestionado por suas palavras.

ARNHOLM — Sim, sim, é possível. Mas esse outro mistério, aquela angústia que ela começou a sofrer, precisamente na época em que, segundo o homem, êle navegou para a Noruega?

WANGEL — É mais uma cousa que ela terá sonhado, que a imaginação criou anteontem. Essa angústia não surgiu de repente, como ela pretende. Foi somente depois da narrativa de Lyngstrand que ela ligou suas primeiras perturbações à época em que esse rapaz teria encontrado Johnston ou Friman, — o nome pouco importa, — de volta para a Noruega. Isso ter-se-ia passado em março... há três anos.

ARNHOLM — Segundo a sua opinião, isto não passaria de uma simples ilusão?

WANGEL — Sim. Os primeiros sintomas manifestaram-se numa época bem anterior. O que é exato porém, é que, há três anos, culminaram numa crise bastante violenta.

ARNHOLM — Já vê...

WANGEL — Sim, mas isso se explica simplesmente pelo estado em que ela se achava nesse momento.

ARNHOLM — De modo que temos indicações e contra-indicações.

WANGEL (*torcendo as mãos*) — Quando eu penso que nada posso fazer por ela! Não sei o que fazer! Não vejo nenhum meio!...

ARNHOLM — E se mudasse de residência? Se fosse morar em outro lugar? Viver em condições mais apropriadas à natureza dela?

WANGEL — Pensa que já não lhe ofereci isso? Propus-lhe trasladar-nos a Skjoldviken. Mas ela não quer.

ARNHOLM — Não quer?

WANGEL — Não. Afirma que não adiantaria nada. É bem possível que tenha razão.

ARNHOLM — O senhor acha?

WANGEL — Sim. Além disso, não sei, para falar a verdade, como executar esse projeto. Como pai, terei êsse direito? Não seria melhor, vivermos num lugar onde as meninas tenham ao menos alguma probabilidade de se casarem?

ARNHOLM — De se casarem? Já pensa nisso?

WANGEL — Ora, meu amigo, que remédio! Mas, por outro lado, devo pensar na minha pobre Ellida! Ah! meu caro Arnholm, não encontro solução.

ARNHOLM — É possível que você não precise preocupar-se tanto com o futuro de Bolette (*Interrompendo-se.*) Bem quisera eu saber para onde ela... para onde eles foram! (*Vai até a porta aberta e olha para fora.*)

WANGEL (*junto ao piano*) — Oh! estou pronto para fazer qualquer sacrifício por essas três criaturas. Se pelo menos eu soubesse o que fazer!

(*Ellida entra pela porta da esquerda.*)

ELLIDA (*com calor, a WANGEL*) — Por favor, pego-te, não saias esta manhã.

WANGEL — Não. Não sairei. Descansa. Ficarei perto de ti. (*Aparentando para Arnholm que se vem aproximando.*) Não cumprimentas o nosso amigo?

ELLIDA (*virando-se*) — Ah! É o senhor, Arnholm? Bom dia.

ARNHOLM — Bom dia, senhora. Então não tomou o seu banho, esta manhã, como habitualmente?

ELLIDA — Não, não... Hoje não! Mas sente-se um momento...

ARNHOLM — Não, obrigado. (*Intencional, para WANGEL.*) Prometi às meninas ir encontrar-me com elas no jardim.

ELLIDA — Tem certeza de achá-las? Eu nunca sei onde elas estão.

WANGEL — Devem estar na beira do lago.

ARNHOLM — Fique descansada que eu saberei achá-las. (*Faz uma saudação com a cabeça e sai pela varanda para descer ao jardim, a direita.*)

ELLIDA — Que horas são, Wangel?

WANGEL (*consultando o relógio*) — Passa um pouco das onze.

ELLIDA — Passa um pouco das onze. E é esta noite, entre onze horas e meia noite que vem o navio. Ah! eu quisera que tudo estivesse acabado!

WANGEL (*aproximando-se dela*) — Querida Ellida, — eu queria pedir-te...

ELLIDA — O que?

WANGEL — Ontem à tarde, — no *Belvédère*, — disseste-me que havia três anos, acontecia-te frequentemente vê-lo com nitidez diante de ti.

ELLIDA — Sim. É verdade.

WANGEL — Sob que aspecto éle te aparecia?

ELLIDA — Sob que aspecto?

WANGEL — Sim, que aparência tinha éle no momento em que julgavas vê-lo?

ELLIDA — Mas, meu querido Wangel, tu o viste, tu o conheces...

WANGEL — E era bem assim que éle surgia na tua imaginação?

ELLIDA — Sim.

WANGEL — Tal como o viste ontem à tarde?

ELLIDA — Exatamente.

WANGEL — Como explicar então que não o tivesses reconhecido imediatamente?

ELLIDA (*surpreendida*) — Eu não o reconheci?

WANGEL — Não. Disseste-me que no primeiro momento não sabias quem era aquele estrangeiro.

ELLIDA (*impressionada*) — Realmente... É verdade! Creio que tens razão! Não achas estranho, Wangel, eu não tê-lo reconhecido logo?

WANGEL — Só o reconheceste, segundo disseste, ao ver-lhe os olhos.

ELLIDA — Seus olhos... Sim! Seus olhos!

WANGEL — Agora, disseste-me lá em cima, no *Belvédère*, que sempre o revias tal como éle era no momento da despedida... há dez anos.

ELLIDA — Eu disse isso?

WANGEL — Sim.

ELLIDA — Com certeza é que éle não mudou desde então. WANGEL — Mudou, sim. Fizeste-me dêe um retrato completamente diferente, na outra tarde, quando voltávamos para casa. Há dez anos éle não tinha barba. Trajava de modo

diferente. E aquele alfinete de pérola? Ontem não o trazias consigo.

ELLIDA — Não, não o trazia...

WANGEL (*observando-a*) — Procura lembrar-te, querida Ellida... Ou então — será isso impossível? — Será que não te lembras mais da fisionomia desse homem, quando vocês se separaram na ponta de Bratthammer?

ELLIDA (*pensa um momento, de olhos fechados*) — Distintamente, não. Hoje, não, não posso. Não é estranho?

WANGEL — Menos do que julgas. Tiveste uma nova impressão. A realidade de ontem apaga a antiga... que desapparece.

ELLIDA — Achas, Wangel?

WANGEL — E com ela desaparecem tuas fantasias mórbidas. Portanto, é bom que a realidade tivesse vindo dissipar os sonhos.

ELLIDA — Como! Isso é bom, disseste?

WANGEL — Sim. É possível que tenhamos o remédio.

ELLIDA (*sentando-se no sofá*) — Vem sentar-te aqui, Wangel. Quero dizer-te tudo o que penso.

WANGEL — Dize tudo, querida... (*Senta-se numa cadeira, do outro lado da mesa*).

ELLIDA — Foi uma grande infelicidade para nós dois nos termos encontrado.

WANGEL (*com um movimento de protesto*) — Não digas isso!

ELLIDA — É verdade. E é bem natural. Que se poderia esperar em tais condições?

WANGEL — A que condições te referes?

ELLIDA — Ouve Wangel: é inútil, já agora, querermos iludir-nos com mentiras.

WANGEL — E quando foi que nos iludimos com mentiras?

ELLIDA — Pelo menos, temos dissimulado a verdade. A verdade, — a verdade pura e sem rodeios, — é que foste lá onde eu morava... comprar-me.

WANGEL — Comprar-te! Dizes que eu te comprei!

ELLIDA — Mas não me quero fazer melhor do que tu. Consentí. Vendí-me.

WANGEL (*olhando-a dolorosamente*) — Ellida, tens coragem de dizer isso?!

ELLIDA — É que nome queres que eu dê ao que se passou? Pesava-te a solidão, procuraste outra mulher...

WANGEL — Procurei uma segunda mãe para as meninas, Ellida.

ELLIDA — Mas não podias saber se eu convinha para o

papel. Tinhas-me visto, apenas. Eu falara contigo umas duas ou três vezes. Foi tudo. Eu era do teu gosto, e então...

WANGEL — Está bem. Já que o interpretas assim...

ELLIDA — Por meu lado, eu estava só, sem recursos, sem amparo. Não era de admirar ter aceito o oferecimento que me fazias de assegurar-me o futuro.

WANGEL — Não foi sob esse aspecto que eu encarei o assunto, querida Ellida. Não se tratava de assegurar-te o futuro: tratava-se — declarei-te isso lealmente — de partilhares com as meninas e comigo o pouco que eu possuía.

ELLIDA — Sim, foi o que disseste, é verdade. E eu, não deveria ter aceito! Nunca por prego nenhum, me deveria ter vendido! De preferência o mais humilde trabalho, as condições mais miseráveis... livremente aceitas, livremente escolhidas!

WANGEL (*erguendo-se*) — De modo que esses cinco anos que vivemos juntos nada significam?

ELLIDA — Não, Wangel, não me refiro a isso. Deste-me a existência mais suave que se possa imaginar. O que não impede que, ao vir para a tua casa, eu não tivesse, agido livremente. E todo o mal está nisso.

WANGEL (*olhando-a*) — Não agiste livremente, disseste?

ELLIDA — Não, repito, não agi livremente.

WANGEL (*com voz abafada*) — Agora percebo! A experiência de ontem...

ELLIDA — Essa prova diz tudo. Ela me abriu os olhos. E vejo as cousas tais como são realmente.

WANGEL — Que vês?

ELLIDA — Vejo a vida que vivemos juntos: uma tal união não é um casamento.

WANGEL (*amargamente*) — Nisso tens razão... se te referes à vida que hoje levamos. Com efeito: uma união desta espécie não é um casamento.

ELLIDA — Refiro-me à vida que sempre vivemos. Nossa união nunca foi um casamento. Desde o primeiro dia. (*Com o olhar vago, fito para a frente*). O outro... o outro poderia ter sido... em toda a sua plenitude, em toda a sua verdade.

WANGEL — O outro? De que outro falas?

ELLIDA — Falo da minha união com êle.

WANGEL (*olhando-a, admirado*) — Não te compreendo.

ELLIDA — Meu querido Wangel, deixemos de nos mentir um ao outro e de nos mentirmos a nós mesmos.

WANGEL — Continua. Onde queres chegar?

ELLIDA — Vês? Por mais que façamos não conseguiremos

persuadir-nos de que uma união voluntária tenha menos valor do que um casamento legal.

WANGEL — Ah! então é...

ELLIDA (*erguendo-se de repente*) — Deixa-me partir, Wangel!

WANGEL — Ellida!... Ellida!...

ELLIDA — Sim, deixa-me partir! Acredita-me: de nada adiantará que eu fique aqui. Há um erro inicial em nossa união.

WANGEL (*dominando sua dor*) — Então chegamos a isso?!

ELLIDA — Era inevitável.

WANGEL (*contemplando-a, acobrunhado*) — Não pude gostar-te! Nunca te possuí inteiramente!...

ELLIDA — Ah! Wangel, se eu te pudesse amar, com a ternura que mereces!... Sinto, porém, que nunca será possível. WANGEL — É então o divórcio? É o divórcio o que queres? Um divórcio em regra?

ELLIDA — Compreendes-me tão mal, meu amigo! Não me interessam fórmulas. Não é disso que se trata. O que quero é que nos ponhamos de acôrdo para rompermos os laços que nos unem.

WANGEL (*amargamente, com um lento menear de cabeça*) — Sim, para rompermos a transação.

ELLIDA (*com vivacidade*) — É isso! Para rompermos a transação!

WANGEL — E depois Ellida? Sim, quando estiver ultimado o rompimento? Que vamos fazer de nossa vida? Já pensaste nisso?

ELLIDA — Pouco importa. Seja o que Deus quiser. O principal, Wangel, é que concordes com o que te peço. Restitue-me a liberdade! Minha plena liberdade!

WANGEL — Isso, Ellida, é uma dura exigência. Deixa-me ao menos tempo para tomar uma resolução. Precisamos falar outra vez no assunto. E tu mesma, precisas de tempo para refletir, antes de qualquer decisão.

ELLIDA — Mas nós não temos tempo de refletir. Preciso da minha liberdade hoje mesmo.

WANGEL — Hoje mesmo? Por que?

ELLIDA — Porque é esta noite em que ele deve vir.

WANGEL (*com um sobresalto*) — Que ele deve vir? Como?

Que vem ele fazer neste assunto, esse estrangeiro?

ELLIDA — Antes da volta dêle, quero ser livre.

WANGEL — E depois? Que pretendes fazer?

ELLIDA — Não me quero defender com o casamento, ob-

jetar que não me é dado escolher... Isso não seria uma solução.

WANGEL — Falas em escolher, Ellida! Escolha! Existe esse problema, por acaso?

ELLIDA — Sim, existe. E eu devo ter o direito de escolher. Deixá-lo partir sozinho... ou de seguí-lo.

WANGEL — Não sabes o que dizes. Seguí-lo! Colocar teu destino nas mãos daquele homem!

ELLIDA — Não o coloquei nas tuas, muito simplesmente, um dia?

WANGEL — Mas pensa um pouco no que ele é. Um estrangeiro... Um desconhecido...

ELLIDA — Tu também eras para mim um desconhecido. Mais desconhecido, talvez, do que ele. E mesmo assim, eu não hesitei em te seguir.

WANGEL — Pelo menos sabias mais ou menos que existência te esperava. Mas agora... Reflete um pouco! Nada sabes, nada! Nem sequer sabes quem ele é e o que é.

ELLIDA (*lentamente, com o olhar perdido*) — Tens razão. E é isso que é horrível!...

WANGEL — Sim, é horrível.

ELLIDA — Sinto-me como quem recebeu ordem de avançar.

WANGEL (*olhando-a*) — Tens tanto medo assim?

ELLIDA — Muito medo...

WANGEL (*aproximando-se dela*) — Dize-me Ellida, a que chamas tu o *horrível*?

ELLIDA (*reflete um momento*) — O *horrível* é o que ameaça a atrai.

WANGEL — E atrai?

ELLIDA — E atrai... sobretudo.

WANGEL (*lentamente*) — És bem uma filha do mar!...

ELLIDA — Tenho em mim todos os seus perigos. WANGEL — E os propagas. Tu também, Ellida, tu ameaças e atraís ao mesmo tempo.

ELLIDA — É verdade, Wangel?

WANGEL — Nunca te conheci bem, tal como és... Começo a percebê-lo agora...

ELLIDA — Restitue-me então a liberdade! Desliga-me de tudo o que nos une! Não sou mais aquela que julgavas, tu mesmo o reconheces. Podemos pois separar-nos em plena consciência... em plena liberdade.

WANGEL (*pensosamente*) — Talvez fôsse melhor para ambos. E, entretanto, não! Não posso! Vês, Ellida? Não posso. Em ti, é a atração que domina... dentro do medo que inspiras.

ELLIDA — Achas?

WANGEL — Seja como fôr, não nos deixemos extraviar. Até o fim do dia, conservemos o juízo. Não te posso libertar hoje. Tenho deveres para contigo. Tenho o dever de defender-te... O dever e o direito.

ELLIDA — Defender-me? Contra que? Nada me ameaça do exterior. O pavor, Wangel, vem de outro lugar. Ele tem uma origem mais profunda! O que há de mais apavorante nessa força que me atrai é que ela vem de mim mesma. Nada podes contra isso.

WANGEL — Posso preparar-te para a luta.

ELLIDA — E se não quero lutar?

WANGEL — Como? Não queres lutar?

ELLIDA — Nem sei...

WANGEL — Esta noite, querida Ellida, tudo ficará resolvido.

ELLIDA (*explodindo*) — Então, dentro de algumas horas minha vida se decidirá.

WANGEL — E amanhã...

ELLIDA — Amanhã, o meu verdadeiro futuro ficará, talvez, destruído para sempre.

WANGEL — Teu verdadeiro?...

ELLIDA — Destruída a grande vida poderosa e livre... destruída para mim! E talvez também para êle!

WANGEL (*mais baixo, segurando-lhe os pulsos*) — Ellida, amas êsse homem?

ELLIDA — Como vou saber? Para mim êle é o apavorante e...

WANGEL — E?...

ELLIDA (*desprendendo-se de repente*) — ...e meu lugar, creio, é ao lado dêle.

WANGEL (*baixa a cabeça*) — Começo a compreender.

ELLIDA — E que podes contra isso?

WANGEL (*com olhar sombrio*) — Amanhã... êle terá ido embora. A desgraça terá sido desviada da tua cabeça. E então sentirei em desligar-te, em libertar-te. Destaremos a transação, Ellida.

ELLIDA — Ah! Wangel, amanhã será demasiado tarde! WANGEL (*olhando para o jardim*) — As crianças! Vêm aí as crianças! Poupe-mo-las, pelo menos, por enquanto...

(ARNHOLM, BOLETTE, HILDA e LINGSTRAND aparecem no jardim. LINGSTRAND despede-se dos outros e afasta-se pela esquerda. ARNHOLM, BOLETTE e HILDA entram no salão).

ARNHOLM — Podemos comunicar que fizemos grandes projetos...

HILDA — Esta tarde vamos passear no fiord. E depois...

BOLETTE — Hilda! Não digas nada!

WANGEL — Nós também fizemos projetos.

ARNHOLM — Ah! sim?

WANGEL — Amanhã, Ellida, parte para Skjoldviken, onde passará algum tempo.

BOLETTE — Ela parte?

ARNHOLM — Eis aí uma cousa razoável, senhora Wangel.

WANGEL — Ellida quer voltar. Ver outra vez o mar.

HILDA (*pulando até Ellida*) — Tu nos deixas! Tu nos deixas!

ELLIDA (*espantada*) — Que é isso Hilda!... Que tens?

HILDA (*domina-se*) — Oh! não é nada. (*A meia voz, desviando-se dela.*) Pois bem! Parte.

BOLETTE (*ansiosa*) — Papai, pela tua cara estou vendo que tu também vais para Skjoldviken!

WANGEL — Pois enganas-te. Irei talvez de quando em quando.

BOLETTE — E depois virás aqui?

WANGEL — Sim, virei.

BOLETTE — Também de quando em quando?

WANGEL — Queridas filhas, é preciso. (*Atravessa o quarto.*)

ARNHOLM (*em voz baixa, a BOLETTE*) — Precisamos conversar, Bolette. Um pouco mais tarde. (*Reúne-se a WANGEL. Falam em voz baixa, junto à porta.*)

ELLIDA (*à meia voz, para BOLETTE*) — Que aconteceu à Hilda? Parecia desorientada?

BOLETTE — Nunca notaste o seu tormento de todos os instantes?

ELLIDA — Atormentada, ela?

BOLETTE — Sim, desde que vieste para aqui

ELLIDA — E que é que a atormenta assim?

BOLETTE — O desejo de ouvir de ti uma palavra de ternura.

ELLIDA — Mas então havia aqui lugar... para mim?

(*Segura a cabeça com as mãos e permanece imóvel, como dominada por pensamentos e impulsos em conflito dentro dela.*) WANGEL e ARNHOLM atravessam a sala e aproximam-se conversando em voz baixa).

BOLETTE (*lança um olhar para a sala da direita, cuja porta abre*) — Querido pai, o jantar está na mesa. Queres?...

WANGEL (*com calma forçada*) — O jantar está na mesa?... Pois bem, minhas filhas, vamos para a mesa. Meu

caro professor, queira passar! Vamos beber a taça da despedida... à saúde da "Dama do Mar". (Saem pela porta da direita).

Pano

QUINTO ATO

(O mesmo cenário do terceiro ato. Tarde de verão. Começa a escurecer).

ARNHOLM, BOLETTE, LYGSTRAND e HILDA, num barco, remam para a direita, beirando a margem).

HILDA — Olhem, podemos perfeitamente saltar em terra.

ARNHOLM — Não, não salte!

LYGSTRAND — Eu não sei saltar, senhorita.

HILDA — E o senhor, professor Arnholm, sabe saltar?

ARNHOLM — Prefiro não experimentar.

BOLETTE — Pois então atraquemos na escada da casa de banhos.

(Continuam a remar para a direita. Nesse momento BALLESTED vem da direita, pelo caminho, trazendo uma trompa de caça. Vira-se para os remadores e fala-lhes. Ouvem-se as respostas, cada vez mais longe).

BALLESTED — Como disse? Sim, é em homenagem ao navio inglês que está fazendo a última viagem nesta estação. Mas se quiserem gozar da banda de música, precisam apressar-se. (Gritando.) Como? (Sacode a cabeça.) Não ouço!

ELLIDA (com a cabeça envolta num chale, vem da esquerda seguida por WANGEL.)

WANGEL — Mas, querida Ellida, garanto-te que temos tempo.

ELLIDA — Não, não! Pode chegar de um momento para outro.

BALLESTED (por trás da cerca) — Olá, boa noite, doutor! Boa noite, minha senhora!

WANGEL (ao vê-lo) — Olá, é o senhor? Há música hoje?

BALLESTED — Sim, o senhor ouvirá a "Fanfara". Não faltam oportunidades nesta estação. Hoje estamos festejando o navio inglês.

ELLIDA — O navio inglês? Já está à vista?

BALLESTED — Ainda não. Mas vem do interior, escondido pelos outeiros. Estará aí antes da gente ter tempo de se virar.

ELLIDA — Sim, sim.

WANGEL — Hoje é a sua última viagem. Não voltará mais.

BALLESTED — É uma cousa triste da gente pensar, doutor. Durante semanas, e meses, festejamos alegremente o bom tempo. É duro termos de nos resignar às trevas. Pelo menos no começo. Depois não há mais remédio senão a gente se acostumar. Não é, Senhora Wangel? Bem, boa noite! (*Sai da e se vai pela direita*).

ELLIDA (*olhando para o fiord*) — Como é cruel esperar... esperar esta meia hora que precede o fim!...

WANGEL — Então está decidido? Vais falar-lhe a sós?

ELLIDA — É preciso. Minha escolha deve ser livre.

WANGEL — Não tens o que escolher, Ellida. Não tens o direito de escolher. Não permito que o faças.

ELLIDA — Não me podes proibir a escolha. Ninguém tem êsse poder. Podes proibir-me de segui-lo... podes reter-me à força, contra a minha vontade. Mas o que não podes, é impedir que, no meu foro íntimo, eu escolha... que eu o escolha a ele e não a ti.

WANGEL — Tens razão. Não tenho o direito de intervir. Nem o poder.

ELLIDA — Acresce que nada me refém, nada me prende aqui. Não criei raízes em tua casa, Wangel. As crianças não são minhas... quero dizer: seus corações não me pertencem. Nunca me pertenceram. Ao partir, — se partir, — seja para acompanhá-lo, está noite, seja para voltar para Skjoldviken, amanhã, não tenho chave para entregar, nem ordens a dar. A cousa vai a êsse ponto! Sou uma intrusa em tua casa. À margem de tudo, desde o primeiro momento...

WANGEL — Foste tu mesma que assim o quiseste.

ELLIDA — Não, eu não o quis. Não quis isto, nem aquilo. Deixei, simplesmente, as cousas no estado em que as achei. Tu, somente tu, o quiseste.

WANGEL — Foi em atenção a ti que organizei as cousas dessa forma.

ELLIDA — Eu sei, Wangel! Mas isso se paga... e isso se vinga. Na hora decisiva, não encontro aqui laços, nem apoio, nem socorro. Onde está êsse tesouro íntimo, êsse mundo a dois, do qual não deveria poder separar-me?

WANGEL — Dizes bem, Ellida. Por isso mesmo a partir

de amanhã, recuperarás a tua liberdade... e poderás viver a tua própria vida.

ELLIDA — Chamas a isso a minha própria vida! Oh não! minha vida, minha verdadeira vida transviou-se no dia em que consenti partilhar da tua. (*Torce as mãos com ansiedade*.) E agora, esta noite... daqui a meia hora... chegará aquele a quem trai, aquele ao qual me deveria ter conservado fiel inabalavelmente, como êle se conservou fiel a mim! Virá dizer-me pela última vez, que eu viva a minha própria vida... a vida que causa medo e que atraí e à qual não posso renunciar. Pelo menos voluntariamente!

WANGEL — Urge por isso que teu marido, — que é ao mesmo tempo teu médico, — te tire o poder de agir, para que êle possa agir em teu lugar.

ELLIDA — Sim, Wangel, concordo. Podes crer que há momentos em que se me afigura que eu deveria encontrar a paz, a salvação agarrando-me a ti, com tôdas as minhas forças, e que somente assim eu poderia afrontar as forças que apavoram e atraem. Mas nem isso me é dado. Não, não, — não posso.

WANGEL — Ellida, vamos dar um passeio.

ELLIDA — Bem o quisera. Mas não me atrevo. Foi aqui que êle me disse que o esperasse.

WANGEL — Vem, ainda falta muito tempo...

ELLIDA — Achas?

WANGEL — Acho, sim. Tens tempo de sobra.

ELLIDA — Vamos, acompanha-me um instante.

(*Vão para a direita, no primeiro plano. Ao mesmo tempo ARNHOLM e BOLETTE aparecem à beira do lago*).

BOLETTE (*ao notar o pai e Ellida*) — Olhe!

ARNHOLM (*em voz baixa*) — Não os perturbemos.

BOLETTE — Eu bem quisera saber o que se está passando entre êles, de há alguns dias para cá.

ARNHOLM — Notou alguma cousa?

BOLETTE — Se notei!

ARNHOLM — Alguma cousa insólita?

BOLETTE — Sim e não. O senhor não percebeu?

ARNHOLM — Não sei...

BOLETTE — Ora, se sabe. O senhor bem que vê. Apenas, não quer dizer.

ARNHOLM — Acho que essa pequena viagem vai fazer bem à sua madrastra.

BOLETTE — O senhor acha?

ARNHOLM — Sim, acho que será bem melhor para os dois que ela se afaste por algum tempo.

BOLETTE — Se ela fôr amanhã para Skjoldviken, nunca mais voltará para casa.

ARNHOLM — Ora essa, querida Bolette! Que idéia!

BOLETTE — Estou absolutamente convencida disso. O senhor vai ver: ela não voltará mais. Pelo menos enquanto estivermos em casa, Hilda e eu.

ARNHOLM — Hilda também?

BOLETTE — Com Hilda as cousas ainda podiam se arranjarem. Hilda é quase uma criança. E além disso, eu creio que, bem no fundo, ela adora Ellida. Comigo porém já o caso é diferente. Uma madrastra quase da minha idade...

ARNHOLM — Minha querida Bolette, é bem possível que você não tenha de ficar muito tempo aqui.

BOLETTE (*animando-se*) — Verdade? O senhor falou então com papai?

ARNHOLM — Sim. Falei com seu pai.

BOLETTE — E que disse êle?

ARNHOLM — Bem... Seu pai há alguns dias está cheio de preocupações...

BOLETTE — É o que eu estava dizendo há pouco.

ARNHOLM — Só sei uma cousa: é que você não deve contar com nenhuma assistência por parte dêle.

BOLETTE — Ah!

ARNHOLM — Êle me expôs muito claramente a sua situação. Não a pode auxiliar, diz êle: não tem meios para isso.

BOLETTE (*com uma censura*) — E o senhor teve a coragem de me iludir!...

ARNHOLM — Eu não a iludi, querida Bolette. Só depende de você sair daqui.

BOLETTE — O que é que depende de mim?

ARNHOLM — Conhecer o mundo. Aprender o que lhe interessa. Tomar parte na vida com a qual sonha aqui, no seu canto. Passar da sombra para a luz. Que diz a isso, Bolette?

BOLETTE (*juntando as mãos*) — Ah! meu Deus! o que eu digo?... Mas tudo isso é irrealizável! Uma vez que papai não quer... e não pode... não tenho mais ninguém a quem recorrer.

ARNHOLM — E se uma mão amiga se estendesse para você?... A do seu velho... — do seu antigo preceptor? Você a repeliaria?

BOLETTE — O senhor? O senhor quereria...?

ARNHOLM — Auxiliá-la com toda a alma. Pode dispor de mim. — Aceita?

BOLETTE — Se eu aceito! Sair daqui! Conhecer o mun-

do! Aprender alguma cousa a fundo! Tudo o que se me afigurava até aqui como uma grande impossibilidade...!

ARNHOLM — Sim, tudo isso pode transformar-se em realidade. Depende somente de você.

BOLETTE — Que! O senhor me ajudaria a realizar essa felicidade sem nome! Não, realmente, poderei aceitar um tal sacrifício de um estranho?

ARNHOLM — De mim pode aceitar tudo, Bolette, tudo.

BOLETTE (*segura-lhe as mãos*) — Sim, creio-o. Não sei o que tenho, mas... (*Explodindo.*) Tenho vontade de rir e de chorar de alegria! De felicidade! Poderei viver a verdadeira vida! Começava a ter medo de que ela me escapasse.

ARNHOLM — Não deve mais ter esse medo, Bolette. Agora, precisa dizer-me com toda a franqueza se não há nada... absolutamente nada que a prenda aqui?

BOLETTE — Que me prenda? Que eu saiba, não.

ARNHOLM — Nada de nada?

BOLETTE — Nada de nada. Isto é: há, de fato meu pai, E Hilda. Mas...

ARNHOLM — Quanto a seu pai, você será obrigada a deixá-lo mais dia, menos dia. Hilda, por sua vez, também seguirá o seu próprio destino. E apenas uma questão de tempo. Nem mais, nem menos. E não tem outros laços que a prendam, tem?

BOLETTE — Nenhum. Nada que me impeça, se dependesse de mim, de partir quando bem quisesse.

ARNHOLM — Nesse caso, querida Bolette, não poderíamos partir juntos?

BOLETTE (*batendo palmas*) — Meu Deus, meu Deus! Que felicidade! Quando penso nisso!

ARNHOLM — Suponho que você tem inteira confiança em mim...

BOLETTE — Isso nem se pergunta: tenho inteira confiança no senhor!

ARNHOLM — Você não hesitaria em me confiar completamente o seu futuro? Não é, Bolette?

BOLETTE — Nem resta dúvida! Ao senhor, ao meu antigo mestre!

ARNHOLM — Não se trata somente disso: êste é o lado menos importante do caso. Mas... Vejamos!... Você, segundo diz, é livre. Não tem laços que a retenham. Nesse caso, pergunto-lhe se voce consentiria em contrai-los comigo para toda a vida?

BOLETTE (*recuando, assustada*) — Como diz?

ARNHOLM — Sim, Bolette, para toda a vida. Numa palavra: tornar-se minha mulher.

BOLETTE (*a meia voz, para si mesma*) — Não, não, não! É impossível. Totalmente impossível!

ARNHOLM — Realmente? Ser-lhe-ia completamente impossível...?

BOLETTE — Escute, senhor Arnholm, não está falando sério, está? (*Olha-o.*) E, no entanto... Mas então era assim que o senhor interpretava o assunto?!

ARNHOLM — Ouça-me bem, senhorita Bolette. Minhas palavras parece que a surpreendem muito, não é verdade?

BOLETTE — Poderia imaginar que não me surpreendessem?

ARNHOLM — Tem razão. Tanto mais que você não sabia... que não podia saber... Bolette, foi por sua causa que resolvi vir aqui.

BOLETTE — Foi por mim que veio? Por mim?

ARNHOLM — Nesta primavera, recebi uma carta de seu pai, na qual havia um trecho que me fez acreditar que... hem... que você tinha conservado pelo seu antigo mestre uma lembrança... em que havia mais do que amizade.

BOLETTE — Como pôde papai escrever-lhe semelhante cousa?

ARNHOLM — Não era isso o que êle queria dizer. Eu compreendi mal. Isso não impede que desde então eu tenha vivido com o pensamento de que uma moça me esperava e suspirava por mim... Deixe-me falar, querida Bolette! Vê você, quando a gente já passou da primeira mocidade, uma tal idéia, ilusória ou não, perturba muito. Minha afeição por você tornou-se agradecida. Meu único pensamento consistia em vir vê-la. Vê-la! Dizer-lhe que partilhava dos sentimentos que eu pensava ter-lhe inspirado.

BOLETTE — Mas agora que sabe que foi um mal-entendido...

ARNHOLM — Não importa! Sua imagem fixou-se em mim para sempre... bem como a criou êsse mal-entendido... Você talvez não o compreenda. Mas é assim, Bolette.

BOLETTE — Nunca o teria acreditado.

ARNHOLM — Mas agora? Agora que já sabe? Não poderia resolver-se a... Sim!... Não poderia resolver-se a ser minha mulher?

BOLETTE — Isso me parece impossível, senhor Arnholm! O senhor! O meu antigo professor! Não posso conceber relações de outra espécie entre nós.

ARNHOLM — Está bem! Uma vez que não pode, a situação continua a mesma.

BOLETTE — Que quer dizer?

ARNHOLM — Que nada há aí que modifique minhas intenções a seu respeito. Farei com que que saia daqui e aprenda a conhecer o mundo. Estudará o que lhe interessar. Terá uma existência assegurada e independente. Cuidarei de seu futuro, Bolette. Você terá sempre em mim um amigo dedicado e fiel. Pode contar com isso.

BOLETTE — Infelizmente, senhor Arnholm, nada disso é mais possível.

ARNHOLM — Não é mais possível? Isso também?

BOLETTE — Sim. Pois não vê? Depois do que me disse, e depois da resposta que lhe dei... O senhor compreende perfeitamente que eu não posso aceitar tais sacrifícios! Não posso mais aceitar nada do senhor. Nunca mais!

ARNHOLM — Quer então ficar aqui para sempre e deixar a vida escapar-lhe?

BOLETTE — Oh! isso é muito cruel!

ARNHOLM — Quer renunciar a ver o que se passa pelo mundo... renunciar a participar de tudo o que a vida tem de sedutor para você? Vai ter coragem de dizer a você mesma que há uma infinidade de cousas que lhe são impiedosamente vedadas? Pense, Bolette. Pense um pouco.

BOLETTE — O senhor tem razão.

ARNHOLM — E quando seu pai não existir mais? Não se lembra de que vai ficar só no mundo, sem amparo, sem apoio? Ou, quem sabe, casar-se com um outro, por quem não terá talvez mais inclinação do que por...?

BOLETTE — Sinto bem o que há de verdade no que me está dizendo. Mas isso não importa. No entanto, se...

ARNHOLM (*ardentemente*) — Se?...?

BOLETTE (*olhando-o, indecisa*) — Se não fôsse completamente impossível?

ARNHOLM — Como devo entender isso, Bolette?

BOLETTE — Sim, se não fôsse impossível aceitar?

ARNHOLM — Quer dizer: aceitar, que me conceda, pelo menos, a alegria de atendê-la como um amigo verdadeiro?

BOLETTE — Não, não, não! Isso nunca! Isso não é possível... Não, senhor Arnholm, prefiro ser sua.

ARNHOLM — Bolette! Você consente, a-pesar-de tudo?

BOLETTE — Consinto, sim!

ARNHOLM — Em ser minha mulher.

BOLETTE — Sim. Se o senhor a-pesar-de tudo persiste.

ARNHOLM — Se persisti! (*Pega-lhe a mão.*) Oh! obrigado, Bolette, obrigado!... Quanto ao que me disse, a respeito de suas hesitações, isso não me atemoriza. Se seu cora-

ção ainda não é inteiramente meu, eu saberei conquistá-lo. Oh! Bolette você será feliz!

BOLETTE — E vou conhecer o mundo! Viver a vida. O senhor me prometeu.

ARNHOLM — E cumprirei a promessa.

BOLETTE — E eu poderei estudar tudo o que me interessa. ARNHOLM — Eu serei seu professor como antigamente, Bolette. Lembra-se de seu último ano de estudo?

BOLETTE (*mansamente, mergulhada nas suas reflexões*) — Vou me sentir livre! O mundo se abrirá para mim! Não terei mais a preocupação do dia seguinte... Não precisarei pensar mais nesse maldito problema do pão.

ARNHOLM — Não, não terá de pensar, asseguro-lhe. E isso vale alguma coisa, não é Bolette?

BOLETTE — Sim. Vale alguma coisa, eu sei.

ARNHOLM (*enlaçando-lhe a cintura*) — Você vai ver, Bolette, como nós nos arranjaremos gentilmente. E que bom casal unido, sólido, confiante um no outro, faremos os dois.

BOLETTE — Sim, eu também acho que tudo acabará bem. (*Olha para a direita e desprende-se com ligeireza.*) Ah! Não diga nada!

ARNHOLM — Que há Bolette?

BOLETTE — Oh! é aquele infeliz. (*Apontando.*) Olhe.

ARNHOLM — Seu pai?

BOLETTE — Não, aquele jovem escultor. Está passeando com Hilda.

ARNHOLM — L yngstrand? E então?

BOLETTE — Oh! o senhor nem sabe em que estado êle está.

ARNHOLM — É bem possível que seja um mal imaginário.

BOLETTE — Infelizmente, não! Não tem vida para muito tempo, creio eu. E será tanto melhor para êle.

ARNHOLM — Por que diz isso?

BOLETTE — Por que?... Porque receio que a arte dêle seja bem pouca coisa. Vamo-nos antes que êles cheguem. Quer?

ARNHOLM — É exatamente o que eu quero, querida Bolette.

(*Hilda e L yngstrand aparecem junto ao lago.*)

HILDA — Psiu! Vocês! Esperem-nos!

ARNHOLM — Iremos um pouco na frente, Bolette e eu.

(*ARNHOLM e BOLETTE saem pela esquerda.*)

L yngstrand (*com um sorriso discreto*) — É interessante. De algum tempo para cá só se passeia por aqui aos pares!...

HILDA (*segurando-os com o olhar*) — Aposto que êle lhe está fazendo a corte.

L yngstrand — Notou isso?

HILDA — Não é difícil. Basta ter olhos.

L yngstrand — Sim, mas a senhorita Bolette não o aceitará. Tenho certeza.

HILDA — Não, porque ela o acha muito envelhecido. Acha até que breve êle ficará calvo!...

L yngstrand — Não é somente por isso. De qualquer forma, ela não o aceitará.

HILDA — Que sabe você?

L yngstrand — Conheço um outro em quem ela prometeu pensar.

HILDA — Só isso?

L yngstrand — Sim, prometeu pensar nele quando êle estiver longe.

HILDA — Em você talvez?

L yngstrand — É possível.

HILDA — Ela prometeu-lhe isso?

L yngstrand — Pois bem: prometeu-me. Mas não lhe diga que sabe.

HILDA — Deus me livre! Serei muda como um túmulo!

L yngstrand — Agradeço-lhe.

HILDA — E quando você voltar? Vocês vão ficar noivos? Você casará com ela?

L yngstrand — Não. É impossível. Nos primeiros tempos não poderei pensar em casar-me. E mais tarde ela será muito velha para mim.

HILDA — E mesmo assim você quer que ela pense em você, de longe?

L yngstrand — Isso será para mim de grande vantagem. Sob o ponto de vista da arte, compreende? Quanto a ela, não importa: não tem outra coisa que a preocupe. Mas, mesmo assim, ela foi bem gentil em fazer-me essa promessa.

HILDA — Acredita que pelo fato de Bolette pensar em você, acabará a sua obra mais depressa?

L yngstrand — Tenho certeza. O fato de saber que existe em algum lugar, num recanto do mundo, uma moça meiga e delicada que pensa em nós, em silêncio, é — pelo menos suponho — uma coisa... uma coisa... nem sei como dizer.

HILDA — Comovente? É o que quer dizer?

L yngstrand — Comovente? É isso. É o termo. (*Êle olha um instante.*) É tão inteligente, senhorita Hilda! Tão inteligente! Quando eu voltar você estará mais ou menos com a idade que sua irmã tem hoje. E é possível que tenha também um rosto como o dela. Quem sabe se também os mesmos

gostos? E quem nos diz que não sejam, você e ela, uma mesma pessoa?

HILDA — Gostaria que assim fosse?

LYNGSTRAND — Não sei. Quase creio que sim. Mas agora, — este verão, — pretiro que seja você mesma, tal como é.

HILDA — Prefere-me assim?

LYNGSTRAND — Agrade-me muito assim.

HILDA — Venha cá e diga-me, você que é artista: agrade-me sempre de vestido claro?

LYNGSTRAND — Agrade-me muito.

HILDA — Acha que o claro me fica bem?

LYNGSTRAND — Para meu gosto, deliciosamente bem.

HILDA — E agora, diga-me, você que é artista: imagine-me de preto?

LYNGSTRAND — De preto?

HILDA — Sim. Toda de preto. Acha que me iria bem?

LYNGSTRAND — Não é muito apropriado para o verão, o preto. Mas acredito que ficaria bem de preto, também. Justamente com o seu tipo...

HILDA (*com o olhar vago*) — De preto até o pescoço!... Com crepe preto à roda dele... Luvras pretas... E um com-prido véu, atrás...

LYNGSTRAND — Se se vestisse assim, senhorita Hilda, eu quisera ser pintor para pintá-la como uma jovem viúva desconsolada e encantadora.

HILDA — Ou uma jovem noiva, de luto.

LYNGSTRAND — Sim, ficaria melhor, ainda. Mas isso não pode tentá-la, não é?

HILDA — Quem sabe? Seria, pelo menos, emocionante.

LYNGSTRAND — Emocionante?

HILDA — Sim. Se é emocionante até pensar nisso!...

(*Apontando de repente para a direita.*) Oh! Olhe!

LYNGSTRAND (*olhando*) — O grande navio inglês! Já está atracado no cais!

(WANGEL e ELLIDA *aparecem junto ao lago*).

WANGEL — Mas asseguro-te, querida Ellida, que estás enganada! (*Vê HILDA e LYNGSTRAND.*) Ah! Vocês dois por aqui? Não é, senhor Lyngstrand, que ele ainda não está à vista?

LYNGSTRAND — O inglês?

WANGEL — Sim.

LYNGSTRAND (*mostrando*) — Ali está ele, doutor.

ELLIDA — Ah!... Eu bem sabia.

WANGEL — Está aí!

LYNGSTRAND — Como um lobo num redil, é o caso de di-

zer. Não deixa de ter seu estilo, êsse modo de atracar em silêncio.

WANGEL — Então vá depressa com Hilda ao cais. Apresente-se. Ela faz questão de ouvir a música.

LYNGSTRAND — Sim, doutor. Justamente vamos para lá.

WANGEL — Nós os alcançaremos talvez daqui a pouco.

HILDA (*baixo a LYNGSTRAND*) — Mais um par, êsses dois. (*HILDA e LYNGSTRAND atravessam o jardim e tomam pela esquerda. Durante as cenas seguintes ouvem-se os sons da fanfarras, vindos do fiorde*).

ELLIDA — Ele está aí! Bem perto! Sinto-o...

WANGEL — Seria melhor entrares, Ellida, explicar-me-ei com ele.

ELLIDA — Oh! é impossível. Impossível, afirmo-te! (*Dá um grito.*) Olha, Wangel, — ei-lo!

(*O ESTRANGEIRO chega pela esquerda e detém-se no caminho, do outro lado da sebe*).

O ESTRANGEIRO (*saudando*) — Vês, Ellida? Vim.

ELLIDA — Sim, sim... É a hora!

O ESTRANGEIRO — Estás pronta para partir? Sim ou não? WANGEL — Bem vê que ela não está pronta.

O ESTRANGEIRO — Não se trata de vestido de viagem. Nem de malas. Tenho a bordo tudo o que é preciso. E o camarote dela está reservado. (*A ELLIDA.*) Pergunto-te se estás pronta a seguir-me, voluntariamente?

ELLIDA (*suplicante*) — Oh! não me interrogue! Não me tente assim! (*Ouve-se ao longe a badalada da partida*).

O ESTRANGEIRO — É o primeiro aviso. Precisa dizer sim ou não.

ELLIDA — Decidir! Por toda a vida! Sem poder voltar atrás!

O ESTRANGEIRO — Sem poder voltar atrás! Daqui a meia hora será demasiado tarde.

ELLIDA (*com olhar temeroso e escrutador*) — Por que me quer?

O ESTRANGEIRO — Não sentes, tu mesma, o que nos liga?

ELLIDA — Minha promessa?

O ESTRANGEIRO — Uma promessa não obriga a nada, nem ao homem, nem à mulher. Quero-te porque te quero... simplesmente.

ELLIDA (*em voz baixa e trêmula*) — Por que não veio mais cedo?

WANGEL — Ellida!

ELLIDA (*explotando*) — Oh! Esta força que me atrai!

A força do desconhecido!... Tôdas as potências do mar resumem-se nela.

(O ESTRANGEIRO salta a sebo).

ELLIDA (*recua e refugia-se atrás do marido*) — Que faz? Que quer?

O ESTRANGEIRO — Sinto-o em tua voz, Ellida: é em mim que recairá a tua escolha.

WANGEL (*adiantando-se para elle*) — Minha espôsa não tem escolha a fazer. Eu estou aquí para representá-la e para defendê-la. Sim, para defendê-la! Se não se retira imediatamente, senão se ausenta daqui, para nunca mais voltar, sabe o que o espera?

ELLIDA — Não, Wangel, não! Isso não!

O ESTRANGEIRO — Que fará de mim?

WANGEL — Fã-lo-ei prender como um malfetor! Imediatamente! Antes que chegue a bordo! Porque estou ao par do crime de Skjoldviken.

ELLIDA — Oh! Wangel! Como podes...?

O ESTRANGEIRO — Já o esperava. Por isso... (*tira do bolso um revólver*). Tomei as minhas precauções.

ELLIDA (*pondo-se à frente do marido*) — Não, não! Não o mate! Mate-me antes a mim!

O ESTRANGEIRO — Não se trata nem d'êle, nem de ti. Podes ficar tranquila. Isto é para o meu próprio uso. Livre vivê, livre quero morrer.

ELLIDA (*cada vez mais exaltada*) — Wangel! Deixa-me dizê-lo de modo a que êle o ouça! Bem sabes que me poderás reter... se quiseres. Tens tudo a teu favor: o direito e os meios. E o farás, eu sei. Mas minha alma, meus pensamentos, meus desejos, meus ímpetos... tudo isso te escapa! Tudo isso abre o vôo — um vôo irresistível para o desconhecido, para o qual fui feita e do qual me separaste!

WANGEL (*com dôr reprimida*) — Sim, Ellida, bem vejo que me escapas. Foges-me das mãos. O desejo do ilimitado, do infinito, do que se não se pode atingir, acabará por arrastar o teu espírito até às trevas que o espreitam.

ELLIDA — É verdade. E eu o sinto... êsse desejo. Sinto-o pairando sobre mim como grandes asas negras!

WANGEL — As cousas não chegarão até aí. Não há senão um meio para salvar-te. Pelo menos não vejo outro. Consipto em que a transação seja desfeita, imediatamente. Podes, desde agora, escolher o teu caminho em plena liberdade.

ELLIDA (*olha-o e conserva-se muda um instante*) — É verdade, é bem verdade o que disseste? É o teu coração mesmo que fala?

WANGEL — Sim, é meu coração que fala. Meu coração torturado.

ELLIDA — E podes fazer isso, Wangel?

WANGEL — Posso. Posso, porque te amo acima de tudo.

ELLIDA (*baixo, com voz trêmula*) — É então tão profundo, tão íntimo o lugar que occupo em ti?

WANGEL — Sim, muito profundo. É o resultado d'esses anos todos de vida em comum.

ELLIDA (*crucendo as mãos*) — Mas eu nunca o percebi!

WANGEL — Teus pensamentos estavam em outro lugar. Enfim... Eis-te absolutamente libertada de mim. E dos meus. Daquí por diante tua vida, tua verdadeira vida, poder ser vivida dentro de seu ritmo próprio. Escolhe livremente, Ellida. E sob a tua exclusiva responsabilidade.

ELLIDA (*toma a cabeça com as mãos e fixa o olhar em Wangel*) — Livrementel! Sob a minha própria responsabilidade! Sob a minha responsabilidade, disseste? Mas como tudo se transforma!

(*Nova badalada*).

O ESTRANGEIRO — Ouves, Ellida! É o último aviso! Vem!

ELLIDA (*volta-se para êle, olha-o firmemente e diz com voz segura*) — Depois do que acaba de se passar? Não. Não o seguirei nunca.

O ESTRANGEIRO — Não vens?

ELLIDA (*enlaçando o pescoço de Wangel*) — Nunca te deixarei, Wangel!

WANGEL — Ellida, Ellida!

O ESTRANGEIRO — Nesse caso, está tudo acabado?

ELLIDA — Sim. E para sempre.

O ESTRANGEIRO — Bem vejo que há aquí alguma cousa de mais forte do que a minha vontade.

ELLIDA — Sua vontade não tem mais poder sobre a minha. O senhor para mim morreu: é um morto saído do mar... e que voltará para o mar. Não me causa mais medo. Nem me fascina mais.

O ESTRANGEIRO — Adeus, senhora! (*Atravessa a cerca*.) Daquí por diante sereis na minha vida apenas um naufrágio a mais. (*Vai-se pela esquerda*).

WANGEL (*olha para Ellida, um momento*) — Ellida, tua alma é como o mar. Sujeta ao fluxo e ao refluxo... De onde veio a transformação?

ELLIDA — A transformação? Não comprehendes que a liberdade de escolha transforma tudo?

WANGEL — E o desconhecido não te atrai mais?

ELLIDA — Nem me amedronta, nem me atrai! Pude me-

dillo com os olhos: tinha liberdade de precipitar-me nele, se quisesse. Liberdade de escolha quer também dizer liberdade de renúncia.

WANGEL — Começo a compreender-te, pouco a pouco. Teus pensamentos, tua concepção de vida vêm à tona em imagens, em expressões visíveis. Tua nostalgia do mar, assim como a fascinação exercida sobre ti por esse estrangeiro... tudo isso era a exteriorização de uma necessidade de liberdade que despertava e crescia em ti. Eis tudo.

ELIDA — Não sei o que dizer-te. Sei, apenas, que foste para mim um médico excelente. Achaste o verdadeiro remédio... o único que podia agir... e tiveste a coragem de empregá-lo.

WANGEL — Nós os médicos, nos casos extremos sabemos ousar. Elida... Quer dizer que voltas para mim?

ELIDA — Sim, Wangel. Agora posso. Porque o faço livremente... e sob minha exclusiva responsabilidade.

WANGEL (*olhando-a com ternura*) — Elida! Elida...

Vamos enfim viver um para o outro...

ELIDA — Partilhando nossas recordações... de agora em diante, todas as recordações em comum.

WANGEL — Queres, querida?

ELIDA — Quero. E quero também que vivamos para as nossas filhas.

WANGEL — Disseste nossas filhas?

ELIDA — Bem sei que não são ainda minhas... Mas saberei conquistá-las.

WANGEL — Nossas filhas. (*Beija-lhe as mãos num transporte de alegria.*) Obrigado por estas palavras, Elida. Muito obrigado.

(HIDA, BALLESTED, LYNGBRAND, ARNHOLM e BOLETTE *entram no jardim, vindos da esquerda.*)

No mesmo instante vêm-se, no caminho, rapazes e raparigas da cidade, bem como estrangeiros em viagem.

HIDA (*a meia voz para LYNGBRAND*) — Repare: não parecem dois noivos?

BALLESTED (*que ouvia*) — São efeitos do verão, minha senhoritazinha.

ARNHOLM (*olhando WANGEL e ELIDA*) — O navio inglês está saindo.

BOLETTE (*indo à sebe*) — Daquí se vê muito bem. LYNGBRAND — É a sua última viagem, êste ano.

BALLESTED — Uvas adeus! A vindima está feita! É um pouco triste, senhora Wangel. E também a senhora nos vai deixar... Oví dizer que parte amanhã para Skjoldviken.

WANGEL — Nada disso. Mudamos de idéia.

ARNHOLM (*olha-os alternativamente, a um e a outro*) —

Ah! sim?

BOLETTE (*avancando até o primeiro plano*) — É verdade, papai?

HIDA (*precipitando-se para ELIDA*) — Tu ficas conosco?

ELIDA — Sim, querida... se me queres.

HIDA (*entre riso e lágrimas*) — Se te quero!

ARNHOLM (*a ELIDA*) — É o que se pode chamar uma boa surpresa!

ELIDA (*com um sorriso grave*) — Senhor Arnholm, lembra-se de nossa conversa de ontem? O ser que se habituava a viver em terra perde o caminho para o mar.

BALLESTED — Aí está! É o caso da minha sereia!

BALLESTED — Só com uma diferença: é que a sereia morre, fora do mar e os homens... os homens são capazes de se aclimatarem. Sim, senhora Wangel, asseguro-lhe: os homens podem aclimatar-se!

ELIDA — Acredito, senhor Ballested. Mas sob uma condição: a liberdade.

WANGEL — E a responsabilidade, querida Elida.

ELIDA (*com vivacidade estendendo-lhe a mão*) — Tens razão.

(*O grande navio, afasta-se sem ruído. A música aproxima-se.*)

F I M